

As nossas preferências são
a mãe, a árvore, as pedras.

Quem come canela de cachorro em criança
vira andorilho — assim falou Zaratustra.

VIOLA DE CÔCHO

MANUEL DE BARROS

Cobra Norato: um sol em escura boca. O mato encharcado da amazônia. A sedução do alagadiço. Sensualismo do tijuco pegajoso no corpo da filha da Rainha Luzia. Floresta parindo sombras. Silêncio doendo dentro do mato. Galhos desnudados pelo chão. Arvorizinhas de pescoço torcido. Raízes desdentadas mastigando lodo.



transfiguração da realidade. Os poetas criam seus cavalinhos de pau. Foi o que fez Shakespeare neste verso: "O vento senta no ombro de tuas velas".

VIOLA DE CÔCHO

Manoel de Barros

Na minha infância, Saracura era a ave que avisava chuvas. Nos fins de agosto, fartos de poeiras e de secas, todos sentíamos as chuvas que vinham de longe. Compadre Ventura, Compadre Amaro pregavam os ouvidos no chão, sentiam léguas na frente. Se falavam...

- Irimão, vai chover
- Saracura tá cantando...
- Proquê irimão?
- Ué, pô então saracura é deus? Se fosse imbuizi sim...

Compadre Ventura sempre achava que, depois de Deus, só imbuizi (bugiu) podia chamar as chuvas. Mas compadre Amaro achava que era a saracura.

Bugre Neto, compadre Laurindo, Nho Veca, amigos de todos os entendimentos: escutadores de pássaros como de gente; almas de poeta, misturadas à terra, às plantas, às

nhava o seu sonho mais querido, que era o de entregar à literatura brasileira uma linguagem nova que fosse a soma de todos os regionalismos.

Poesia é como você encontrar rosas numa sala. Você as vê ou sente seu perfume. Pode gostar ou não de suas cores ou cheiro. Elas podem lhe dar uma certa alegria na alma, ou não, etc. Mas você seria um tolo se perguntasse à dona da casa: "Que querem dizer essas rosas?"

Claro; elas não querem dizer nada. Elas simplesmente estão aí. "A rose is a rose is a rose" (Gertrude Stein). E um poema é um poema.

Poesia não transmite conceitos, transmite sensações. Não se dirige às faculdades lógicas, mas à sensibilidade. Não se faz poesia sobre ou de alguma coisa. Poesia não descreve, não explica. Explicar cabe à prosa. Poesia é anti-discursiva. Discurso é linha reta. Poesia funciona sem limites semânticos. Portanto fora de bitolas. As palavras, em poesia, a-dejam, chocam-se para criar tensões. Poesia funciona em descargas. Seu prodígio é escapar ao real. Criar realidades novas. Se o menino está montado num cabo de vassoura, ele criou um cavalo para ele. A criação do poeta se faz dessa maneira: pela

Cobra Norato: um sol em escura boca. O mato encharcado da amazônia. A sedução do alagadiço. Sensualismo do tijuco pegajoso no corpo da filha da Rainha Luzia. Floresta parindo sombras. Silêncio doendo dentro do mato. Galhos desnudados pelo chão. Arvorizinhas de pescoço torcido. Raízes desdentadas mastigando lodo.

Cobra Norato. Um ser minado de estar aos musgos sobre rios de pedras. Um ser-coisa-árvore-bicho. O homem que é quase planta. Sua voz é quase vegetal.

Língua entrançada. Cipoal de metáforas. Língua promíscua daquela dos pássaros, das águas.

Na mitologia dos povos antigos, nas lendas dos índios, nas histórias populares, nos contos infantis, nos poemas do poeta, as árvores falam, as pessoas viram em guariba, os sapos viram de príncipes e os ventos despenteiam folhas. Tudo se encanta e desencanta nas transfigurações do poeta.

Raul Bopp amontoa de encantos o mato encharcado da amazônia. Apreciem.

Bugre Neto me contava as histórias do preto Tucum. Preto Tucum, cantando cururu, arrastava sua voz mole, "arrodeia arrodeia / arrodeia o tico... / Eu não posso me lembrá / do tempo que era menino / pra hoje vivê chorando... / Ai ai / só eu / que nasci pra passar trabalho..."

Nos poemas de Oswald de Andrade, da fase pau-brasil, encontram-se a fala do povo, a fala de preto Tucum com a voz do poeta. Volta de 1923. Aurora do modernismo.



VIOLA DE CÔCHO

Manoel de Barros

Poesia é como você encontrar rosas numa sala. Você as vê ou sente seu perfume. Pode gostar ou não de suas cores ou cheiro. Elas podem lhe dar uma certa alegria na alma, ou não, etc. Mas você seria um tolo se perguntasse à dona da casa: — Que querem dizer essas rosas?

Claro; elas não querem dizer nada. Elas simplesmente estão aí. «A rose is a rose is a rose» (Gertrude Stein). E um poema é um poema.

Poesia não transmite conceitos, transmite sensações. Não se dirige às faculdades lógicas, mas à sensibilidade. Não se faz poesia sobre ou de alguma coisa. Poesia não descreve, não explica. Explicar cabe à prosa. Poesia é anti-discursiva. Discurso é linha reta. Poesia funciona sem limites semânticos. Portanto fora de bitolas. As palavras, em poesias, a-dejam, chocam-se para criar tensões. Poesia funciona em descargas. Seu prodígio é escapar ao real. Criar realidades novas. Se o menino está montado num cabo de vassoura, ele criou um cavalo para ele. A criação do poeta se faz dessa maneira: pela transfiguração da realidade. Os poetas criam seus cavalinhos de pau. Foi o que fez Shakespeare neste verso: «O vento senta no ombro de tuas velas».

O olhar do gafeinho é sem princípios.



O poeta Manoel de Barros, autor de "Arranjos Para Assobio"

Poesia de Manuel de Barros será filmada

Da Reportagem Local

O poeta sul-matogrossense Manoel de Barros, 70, cuja obra continua em grande parte desconhecida, será exaltado no curta-metragem "O Inviável Anônimo do Caramujo-Flor", de Joel Pizzini, com filmagens marcadas para outubro. Selecionado pela Embrafilme, junto com mais doze projetos, entre duzentos outros apresentados, o filme terá uma produção de aproximadamente Cz\$ 2,7 milhões financiados com o apoio da iniciativa privada e de entidades públicas.

O maior mérito de "O Inviável Anônimo do Caramujo-Flor" é divulgar não só a figura e a obra de Barros — admirada por Millôr Fernandes, Antônio Houaiss, João Antônio, Euzio Silveira e Fernando Gabeira — como a dimensão cultural do Mato Grosso do Sul. Participam do filme nomes que, tendo nascido ou morado nesse Estado, estão de alguma forma ligados ao universo da região. No elenco estão Tetê Espindola, Ney Matogrosso (ambos nascidos em Matogrosso do Sul), Aracy Balabanian, Ivan Albuquerque, Rubens Corrêa, Almir Sater, Ney Latorraca e Emmanoel Marinho.

Com locações em Campo Grande, Gruta do Lago Azul, Casario do Porto (em Corumbá), Pantanal Matogrossense e Rio de Janeiro, o filme

pretende traduzir em imagens o mundo poético de Manoel de Barros. Nascido em Cuiabá e tendo passado a infância na região do Pantanal, em Corumbá, o poeta escreveu "Compendio Para o Uso dos Pássaros" (1960), "Gramática Expositiva do Chão" (1964), "Arranjos Para Assobio" (1982) e "Livro de Pré-Coisas" (1985), entre outros. Classificado como "telúrico" ou "ecológico", não há dúvida, já pelos títulos, de que sua poesia esteja ligada à terra e à natureza como valores fundamentais. Apesar disso, leitor de Pound e de Eliot, e admirador de Braque — que descobriu em Nova York —, Barros não é considerado um regionalista no sentido restrito da palavra. O filme de Pizzini pretende revelar essa imagem.

O anonimato do título é um pouco aquele do autor. Todo o itinerário de Barros será revisto numa colagem de textos e imagens suscitadas por sua "Estética do Ordinário". Ney Matogrosso encarnará um "corpo poético", Tetê Espindola, a "locução cantante", e Rubens Corrêa será o "sábio demiurgo". Com fotografia de Pedro Farkas ("Inocência" e "Cinema Falado"), "O Inviável Anônimo do Caramujo-Flor" se pretende, nas palavras do próprio diretor, "um poema sob cinema". Resta ver se o resultado fará jus à ambição das propostas: um cinema eminentemente experimental no Pantanal matogrossense.

Desabrocha "Caramujo Flor" de Pizzini

Estréia na primeira quinzena de novembro o primeiro filme dirigido pelo cineasta e jornalista Joel Pizzini. O trabalho faz uma nova leitura da poesia de um dos mais controvertidos poetas da literatura sul-matogrossense, Manoel de Barros. Com locações em Campo Grande, grutas de Bonito, o filme revisita a história do poeta e, usando o idioma do cinema, a linguagem verbal de Manoel de Barros para um trabalho que mescla documentário e ficção na função de um "ficcimentário que é, antes de mais nada uma obra essencialmente autoral e não uma narrativa específica da história do poeta", como definiu o próprio diretor.

O filme de Joel Pizzini intitulado "Caramujo Flôr" levou um ano e meio de produção e custou cerca de 40 mil dólares, seis meses de montagem e três horas de filme para três semanas de filmagens nas quais estão reunidos artistas quase que essencialmente matogrossenses. Participam da produção os atores Ney Matogrosso (que atua como ator apenas), Rubens Correa e Aracy Balabanian (que pela primeira vez em toda a sua carreira faz algum trabalho de cinema), além das participações especiais de Almir Sater e Tetê Espíndola. O produto final disso tudo está compactado em

21 minutos da primeira versão do filme e será sintetizado ainda para uma segunda versão de 18 minutos apenas.

PRODUÇÃO DE PESO

Para um cineasta de apenas 27 anos, quatro anos de trabalho no rigoroso mercado cinematográfico paulista e sem grandes dotes financeiros, a carreira de Pizzini é mais meteórica que a trajetória do Halley há dois anos. E ele começou bem. Com esses poucos referenciais conseguiu reunir uma das mais afinadas e competentes equipes de produção já conseguidas por um mesmo diretor e com tão pouca experiência. "É uma turma peso pesado", admite o diretor, também roteirista do filme.

O nome mais desconhecido da ficha técnica é o do arquiteto Sérgio Medeiros, co-autor do argumento do filme. Depois é só feras, a começar pelo diretor de fotografia que é nada mais nada menos que Pedro Farkas, considerado um dos mais sensíveis e poéticos no ramo. Farkas antes de "Caramujo Flôr", assinou "Ele, o Boto"; "Marvada Carne"; "Cinema Falado" e "Inocência", com o qual arrebatou todos os prêmios para fotografia da época. É considerado o melhor do Brasil.

A ficha técnica não fica só aí. Depois vêm Idê Lacrete (País dos Tenentes, Opera de Malandro, Cabaré Mineiro, A Hora da Estrela e Noites do Sertão) que assina a montagem de "Caramujo Flôr" e Miriam Biderman - leia-se A Cor do Dinheiro, com Paul Newman - que responde pela edição de som. Também estão no filme Geraldo Ribeiro (Jango e Anos JK), responsável pelo Som, Direto e Eliane Bandeira (A Hora da Estrela e País dos Tenentes) que assina a produção executiva e ainda Clóvis Bren, que fez a direção de arte. Ele também atuou em O Beijo da Mulher Aranha e Feliz Ano Velho, de Roberto Gervitz.

MODELO CULTURAL

A escolha de Manoel de Barros como ponto de partida para seu primeiro filme não foi uma decisão gratuita de Joel Pizzini. Foi a partir de uma tese de mestrado do arquiteto Sérgio Medeiros que o cineasta se encantou pelo trabalho de Barros. "Ele é o cara que mais conseguiu textualmente refletir o Mato Grosso do Sul", defende Pizzini, para quem o poeta é o maior modelo cultural do Estado. "Ele supre a nossa necessidade de ter um modelo. A Bahia tem Dorival Caiati, Minas tem Carlos Drum-

divulgação



Ney Matogrosso e Almir Sater são alguns dos personagens de "Caramujo Flôr".

REFERÊNCIAS:

"CARAMUJO FLÔR - Brasil

1988 • Direção Joel Pizzini. Com Ney Matogrosso, Rubens Correia, Aracy Balabanian, Tetê Espíndola e Almir Sater. Fotografia, Pedro Farkas. Apoio: Secretaria e Fundação de Cultura MS. Bamerindus do Brasil, Projeto Rondon, Projeto Pantanal: Alerta Brasil, Fundação Cultural de Dourados, Embrapa e Sudeco.

Caderno Cultural e de Amenidades do Jornal do Brasil Central
ANO I Nº 38 CAMPO GRANDE-MS., DE 09 A 15 DE OUTUBRO DE 1988

mond e nós temos Manoel de Barros", profetiza.

Anunciado com o título de O Inviável Anônimo do Caramujo Flôr, o filme chega às telas apenas como "Caramujo Flôr". Pizzini justifica a redução do título como a eliminação de peças que já cumpriram a sua função. E é ele quem explica: "Quando eu pensei em rodar o filme tive que usar artifícios para convencer que o projeto era bom e para isso foram necessárias algumas peças de apelo fácil. O inviável anônimo era uma dessas peças que contraditoriamente resgatou Manoel de Barros de seu anonimato e o trouxe ao domínio público. Cumprida a função de viabilizar o projeto, o título foi reduzido para espelhar melhor a intenção e a essência autoral da obra".

Quando Pizzini diz que a obra é autoral, ele quer dizer que não se trata de um documentário sobre Manoel de Barros. Na verdade, o filme usa a poesia de Manoel de Barros para compor um poema lúdico com as cores e a magia do cinema. O argumento propõe diálogos e monólogos montados a partir do texto do poeta. Mas é no final uma obra individual do cineasta Joel Pizzini que analisa-a como um filme "acometido pela poesia de Manoel de Barros".

O poeta de Caminho
Ênio Cas-
esenta um
jeto exce-
er lido pe-
e provoca
de lingua-

engane o
r franca-
tão útil à
a quanto
s eruditas
colinas. O
e haja es-
alidade da

nio
chi.
23
ta não foi

Antologia

Poemas contra a fragmentação

RIO — Embora desconhecido do grande público, o poeta Manoel de Barros, 74 anos, encontra na linguagem popular a sua maior fonte de inspiração. "Toda palavra tem um caminho, pois ela nasce na boca do povo. O povo vai fazendo verrugas, reentrâncias, vai tornando a palavra barroca. O tempo e o povo fazem modificações profundas nas palavras", diz o poeta. Ele acaba de lançar sua obra completa pela Editora Bertrand Brasil e está escrevendo os versos do seu décimo livro, que já tem título: *Concerto a Céu Aberto para Solos de Ave*. O volume com as obras completas e com um poema inédito ("Dona Maria") recebeu o título de Gramática Expositiva do Chão.

Manoel de Barros acredita que a poesia é quase sempre produto de um fracasso. "Não gosto da palavra sublimação. Acho que é a transfiguração de alguma coisa que não foi realizada", diz. Barros diz que sua verdadeira vocação é a linguagem, em que busca uma "riqueza que inunda", movido por uma paixão "orgástica" pelas palavras. "A maldição dos poetas é ter todos os caminhos e não ter nenhum", afirma.

Leitor assíduo dos clássicos portugueses, principalmente Camões, padre Antônio Vieira e Camilo Castelo Branco, o poeta é descendente de "bugres" que habitaram o interior de Mato Grosso, mais precisamente as cercanias de Cuiabá. Na linguagem popular, Manoel de Barros busca a gênese permanente das palavras, suas transformações semânticas e "erosões morfológicas".

"Tem gente lá no Pantanal que sempre fala depois. Dizem que é erro, mas não é. Trata-se de português arcaico, que pode ser encontrado nos livros." Para Manoel de Barros a "lei do menor esforço" é a peneira seletiva da fala. Ele não acredita em erros de linguagem, pois todos acabam sendo incorporados pelo dicionário. "A palavra em estado de dicionário é uma coisa seca", diz, citando Drummond.

O processo criativo do poeta começa a partir de anotações sobre situações lingüísticas inusitadas. "Sintaxe torta, segredos elípticos de certas frases, palavras comidas morfológicamente", exemplifica. Mas para ele o ritmo é o que há de mais importante na poesia. "O encantamento da palavra depende do ritmo biológico de cada pessoa. Para aplicar qual-



Manoel de Barros: obra completa e poema inédito

quer palavra, é preciso que ela já tenha percorrido o nosso sangue. O poeta é aquele que consegue dar encanto a uma frase, é aquele que consegue dar canto a um verso".

Nascido em Cuiabá e criado em Corumbá, Manoel de Barros é casado, tem três filhos e seis netos. Vive em Campo Grande e tem uma fazenda em Nhecolândia, distrito de Corumbá. Com o lançamento de sua obra completa em um só volume, o poeta espera que seu nome se torne mais conhecido em todo o País. Para o leitor ter idéia do que vai encontrar na obra, o próprio Barros resume em poucas palavras o seu estilo e suas motivações poéticas: "Acho que a poesia, de um modo geral, está cada vez mais fragmentada, o que é consequência da própria fragmentação humana. Acho que a minha poesia segue essa tendência. Cada verso é uma unidade rítmica e unanimidade de ressonância existencial." Ou seja, os fractais ainda não entraram para o universo e imaginário do poeta matogrossense.



SERVIÇO

Gramática Expositiva do Chão (Poesia quase toda) — De Manoel de Barros, Editora Bertrand Brasil, 344 páginas, Cr\$ 2.950,00

Drummondiana

A amava B que
amava C que não
amava
ninguém. Em
dispersão termina a
volição
pirâmides/po
enquadram o passeio
dos amantes.

io

0

agora terá sua obra em filme

A Embrafilme selecionou o projeto de Joel Pizzini

«O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor», projeto de Joel Pizzini para realização de um filme em 35 milímetros sobre o poeta e escritor Manoel de Barros, foi selecionado para produção pela Embrafilme, que pela primeira vez investirá em um trabalho de autor sulmatogrossense para o cinema.

Dos cerca de 200 projetos analisados no último Concurso Nacional promovido pela Embrafilme, somente 13 foram aprovados pela comissão composta de cineastas e pesquisadores de todo o Brasil, para financiamento de parte do valor total de seus orçamentos. O filme está calculado em aproximadamente 1 milhão de cruzados e para ser viabilizado integralmente contará com a iniciativa de pessoas físicas e jurídicas, empresariado regional e órgãos públicos estaduais e federais.

No momento em que o poeta e escritor Manoel de Barros completa 50 anos de poesia com 8 livros publicados, («Poemas Concebidos Sem Pecado» — 1937, «Face Imóvel» — 1942, «Poesias» — 1956, «Compêndio Para uso dos Pássaros» — 1961, «Gramática Expositiva do Chão» — 1969, «Matéria de Poesia» — 1974, «Arranjos Para Assobio» — 1983, e «Livro de Pré-Coisas» — 1985), 2 prêmios nacionais, 70 anos de vida e toda uma obra poética praticamente desconhecida, «O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor», com roteiro

e direção de Joel Pizzini, além do seu indiscutível valor como documento histórico-cultural, passará a ser também um importante instrumento de divulgação de um tema muito próximo mas, ao mesmo tempo, distante de todos nós.

Filmar Manoel de Barros, que para nomes reconhecidos no mundo literário e jornalístico como Milôr Fernandes, Washington Novaes e Antônio Houaiss é considerado um dos maiores escritores e poetas do Brasil, na concepção do seu realizador significa «revelar com um certo atraso o itinerário criativo do nosso maior poeta, cuja técnica única de composição tem extrema intimidade com a técnica de montagem cinematográfica. O projeto vem no bojo de uma nova mentalidade emergente no Estado, que busca colocar Mato Grosso do Sul no mapa cultural do País. No entanto, para imprimir fragmentos do universo estético de Manoel de Barros, é vital a utilização dos melhores e mais sofisticados recursos técnicos disponíveis hoje no Brasil».

«O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor», uma das primeiras atitudes no sentido de propagar a poesia de Manoel de Barros no âmbito internacional, tem início previsto para junho deste ano. A produção já começou a pesquisa das locações para a filmagem que acontecerá em dois estágios: Campo Grande, Gruta do Lago Azul (Bonito), Casario do Porto (Corumbá) e Pantanal, em Mato Grosso do Sul; e Copacabana

(Rio de Janeiro), e interior de São Paulo.

Na perspectiva de se obter um elevado padrão na elaboração dessas imagens, onde o som requer atenção especial, todos os cuidados foram tomados e a equipe técnica já conta, além do diretor, com a produtora executiva e assistente de direção, Eliane Bandeira, e a produtora em Mato Grosso do Sul, Sandra Menezes.

Na altura em que a produção articula todos os contatos na Capital, Joel Pizzini entende que o projeto «é uma realização polarizadora pelo seu poder de identificação sentido até agora. Na medida em que as pessoas reconhecem sua natureza se solidarizam. Aí, na prática, ele se viabiliza».

Joel Pizzini — Coordenou o Núcleo de Cinema da Fundação de Cultura de MS, participou da Filmoteca Alexandre Wulfes, dinamizando a criação e programação dos cineclubes do interior. Autor do roteiro do vídeo Alma em Revista, exibido em Festivais de Roma e Barcelona. Depois de estagiar com Robert Richter (TV NBC-EUA) foi Assistente de Direção de A Guerra do Brasil, de Sílvia Back e Mais Luz, de Reinaldo Pinheiro. Como pesquisador de época, trabalhou em O País dos Tenentes, de João Batista de Andrade, para quem faz atualmente a pesquisa histórica do filme Vlado: O Caso Herzog.

Eliane Bandeira — Trabalhou como diretora de produção recentemente em A Hora da Estrela, de Su-

zana Amaral, premiado no Festival de Berlim e em o País dos Tenentes, de João Batista de Andrade. Atualmente faz a direção de produção do Beijo 2348/72, de Walter Rogério. No plano autoral, produziu e dirigiu os filmes: Vida de Doméstica, É Menino ou Menina, Balzaquianas, A Terceira Idade e Mulher Índia, que além de serem premiados em festivais nacionais, foram convidados para representar o Brasil no exterior.

Sandra Menezes — Como produtora, no departamento de produção de TV da Coordenadoria Geral de Comunicação de MS fez a direção geral do vídeo Alma em Revista, apresentado em diversos Estados brasileiros e em Festivais de Roma e Barcelona; direção, roteiro e produção do vídeo O São João de Corumbá, lançado recentemente em Corumbá na reinauguração do ILA — Instituto Luís Albuquerque; direção e produção de programas institucionais como Wilson Especial e Mutirões, veiculados pela TV Morena. Na área de cinema, foi assistente de produção no filme Comitativa Esperança-Viagem através do Pantanal, de Wagner Carvalho.

***O Poeta e Escritor Manoel de Barros recebeu 2 Prêmios Nacionais. São eles: Prêmio Orlando Dantas, do Diário de Notícias (1961) dado ao livro «Compêndio Para Uso dos Pássaros»; e o Prêmio de Poesia do 4º Encontro Nacional de Escritores em Brasília (1964), pelo livro «Gramática Expositiva do Chão».

LIVROS DA SEMANA

"GEOGRAFIA LITERÁRIA"



538
SOB o título genérico de "Geografia Literária", reúne o poeta Mauro Mota, de trabalhos que têm como ponto de convergência o Nordeste, "um pouco de sua literatura geográfica", diz ele, "e de sua geografia literária". Embora só estabeleça ligações laterais com o ramo da crítica que leva esse nome, não é um título pelo título: pelo menos dois estudos, "A geografia na literatura" e "Um ABC da geografia humana", o justificam amplamente. São na maioria trabalhos destinados a um auditorio, isto é, para ser lidos, o que perderiam em sobrecarga instrumental, ganham em clareza, em consistência, em conteúdo. A longa página inicial sobre Austro-Costa é uma reconstituição preciosa do saudoso poeta das Mulheres e Rosas, que teve seus dias de glória e que perdeu a vida "par delicatesse". De não menor mérito aquela sobre Gilberto Freyre e o Recife, ou ainda a que trata do regionalismo no Nordeste. O poeta Mauro Mota, que já se revelara um bom ensaísta com seu trabalho sobre o "Caucho" e um admirável prosador com as crônicas de "Capitão de Fandango", ultrapassa as limitações das palestras de professor e das orações de acadêmico para nos trazer sua contribuição própria ao estudo das letras e dos autores nordestinos. (Edição do L.N.L., 1961)

"MANA SILVERIA"

Em 1950 saiu em Portugal um ensaio de Zacarias de Oliveira sobre "O padre no romance português". Busto Bruck, há pouco tragicamente des-

parecido, tem um trabalho de pesquisa sobre o mesmo assunto, transposto para a literatura brasileira. O padre foi uma figura obrigatória do romance naturalista, nem sempre (ou quase nunca) numbrado de sua aura sacerdotal. Este "Mana Silveria" que a Civilização Brasileira acaba de reeditar é daqueles em que as "nupcias sacrilegas" de um padre são descritas em cores mais carregadas. Não falta sequer o elemento de choque, no fato de sua concubina ser uma criatura de vida fácil. Estamos lendo o romance pela primeira vez e ele é surpreendentemente bom, apesar das ingenuidades do seu realismo de palavras. Cenas como o suplício do formigueiro revelam bom pulso de romancista. Canto e Mello (1866-1934), escritor gaúcho cuja obra desconhecíamos, comparece ante a posteridade com um livro que bem pode resgatá-lo para sempre do esquecimento. Mesmo o tom melodramático que de vez em quando aflige sua fabulação (herança visível do folhetim romântico, a que o autor rende claro tributo naquela relíquia e enigmática ironia final) pode contribuir para aguçar a curiosidade do leitor moderno. Capa muito boa de Eugênio Hirsch.

"COMPÊNDIO PARA USO DOS PÁSSAROS"

Em primeiro lugar, e sem intenção de "blague", chamamos a atenção para a capa do livro, cujo autor tem apenas cinco anos de idade. É o sr. João Wenceslau Leite de Barros, talvez o engenheiro gráfico mais jovem do mundo. "Compêndio para uso dos pássaros", de Manoel de Barros, é pouco mais que uma plaqueta, com suas 60 páginas. Espaço, no entanto, mais que suficiente para que o poeta se afirme na sua identidade lírica. O livro divide-se em duas partes. Na primeira, o poeta adota uma espécie de Weltanschauung infantil, que evoca sua dificuldade na própria

formulação e em alguns recursos retóricos (ex. "com seus cantos rozejados de lábios"). A imagética é sensorialmente intuitiva (ex. "O rio passava / os sussurros da noite", ou "Ainda estavam verdes as estrelas"). Na segunda parte, desde o poema inicial, Manoel de Barros postula uma arte poética em essência no diferente da anterior, mas que pressupõe uma visão adulta e menos mágica do mundo. Procura desentranhar a poesia das coisas (há uma esclarecedora epígrafe de Jorge de Lima: "Como conhecer as coisas sendo-as?"). É um Urismo construído com todos os sentidos, sem hermetismos fáceis. (Ed. Livraria São José, 1961)

"CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO"

Na sua excelente introdução, Adolfo Casais Monteiro procura aliciar o leitor brasileiro em geral e o leitor machadiano em particular com a sugestão de que Camilo Castelo Branco, em "Coração, cabeça e estômago", foi "machadiano avant la lettre". Os machadianos podem ficar envaldecidos, mas os camilianos (e no Brasil ainda os há) poderão meditar no triste destino de Camilo, esse de ser adjetivado por um autor inferior a ele, numa inversão de grandezas inclusive de ordem temporal. Na constelação camilliana (e aqui não concordamos inteiramente com o prefaciador), esse romance não pode ser considerado uma estrela de primeira grandeza, com todo o seu imenso mérito. Nem é rigorosamente uma obra-prima, pelo menos em face de livros superiores do próprio Camilo. Para um contato inicial com o grande escritor português, recomendamos antes as "Novelas do Minho" ou "A Brasileira de Piazins". À parte naturalmente o célebre "Amor de Perdição". Recomendamos ainda que as justificativas que Casais Monteiro aduz no prefácio e sobretudo o glossário final venham complicar ainda mais a lenda de que Camilo seja um escritor difícil. Nas

edições para o grande público, é sempre melhor deixar o autor confiado à sua própria força, e o mínimo de aparato apologético. Seja como for, é uma idéia muito boa colocar o grande prosador ao alcance do leitor brasileiro em roupagens modernas (a capa de Hirsch). Ninguém perde a descobrir ou redescobrir Camilo. (Ed. Civilização Brasileira, 1961)

"O CAVALO ESPANTADO"

Em recente entrevista, falou Alves Redol de seu último romance, que constitui um passo diferente em sua carreira de escritor. "O Cavalo Espantado", disse ele, "é ainda um livro de aprendizado, para quem entende que a vida é sempre algo de inesperado e de maravilhoso, suscetível de se aprender até à morte de um homem, suscetível de servir, também na experiência desta aos homens que abrem os olhos para o mundo no momento em que o escritor fecha os seus". Informou que a idéia do livro vinha de anos que não a concretizara "por tardar a unidade adequada entre a forma e o conteúdo desse drama individual e, ao mesmo tempo, coletivo". Os muitos leitores do Redol devem reagir com uma surpresa inicial ante "O Cavalo Espantado", com sua temática (refugiados de guerra) e sua localização (o meio urbano) não incluídas na esfera imediata de indagações do romancista. Surpreenderá talvez mais a técnica arrojadamente contrapontística, o uso do "stream of consciousness", num escrito que se supunha direto, quase agressivamente linear em sua apresentação dos dramas humanos. Há um tratamento do tempo (interior e exterior) que mostra um Alves Redol preocupado com experiências formais, experimentais, e não aventuras. A leitura, podemos compreender por que teve ele de esperar pelo encontro da adequação entre a forma e o conteúdo. (Ed. Portugal, de Lisboa; capa, ótima, de Chinara Leme, 1961)

PÉ DE PÁGINA

□ NEY MATOGROSSO — Ele já foi um fiel espectador de festivais que aconteceram no passado em Brasília, época em que residia aqui e quando nem sonhava em ocupar as telas de cinema. Agora Ney Matogrosso está de volta à terra e, sem plumas e paetês, que tanto ornamentam sua figura durante os shows, o ator se destacou, quando **Caramujo-Flor**, curta em 35mm de Joel Pizzini Filho, foi exibido.

É o próprio Ney, sentado à beira da piscina do Hotel St. Paul, quem fala: "Sempre me considerei um ator. Por acaso me tornei cantor", diz ele, que estreou no cinema ano passado com **Sonho de Valsa**, último longa de Ana Carolina. A sua atuação no filme, segundo o próprio ator-cantor, não foi das melhores. Fazendo uma autocrítica, ele declara que, na prática, rendeu menos do que poderia.

Já neste curta, se considera mais seguro como ator, onde interpreta o corpo artístico do poeta matogrossense Manuel de Barros, ao lado de Tetê Espíndola e de Rubens Correia. Ney diz que o filme utiliza a forma surrealista e avisa: "Quem não conhece bem o tema, dança", garantindo, porém, que o resultado final que ele viu no domingo mostra uma obra bonita, ressaltando que **Caramujo-Flor** é a primeira direção de Joel Pizzini, "e que não faz vergonha", frisando ainda que não curte muito entrar nessa de competição.



Ney Matogrosso, comparando este festival com os que assistiu no passado, declara que os outros eram mais grandiosos. "E, de uma forma geral, os acontecimentos estão frou-

xos, parecendo que ninguém consegue se entusiasmar com nada. Acho que a política está influenciando até nisso". Quanto à cidade, onde ele viveu

de 61 a 66 e de 68 a 70, fala que ela mudou muito. "Dos meus amigos, pouquíssimos ainda moram aqui. Por isso, só venho a Brasília profissionalmente".

□ TROPEÇOS — Um festival que teve erros e falhas técnicas do começo ao fim não poderia passar seus últimos dias sem um ou outro anacronismo. A começar pelo Festivalzinho. A pequena platéia que foi ao Cine Park 3 na segunda-feira assistiu um filme totalmente diferente do que estava programado, **Sal da Frente**, longa-metragem de 1952, de Abílio Pereira de Almeida, saiu da frente para entrar a reprise de **Marvada Carne**, de André Klotzel, exibido na quinta-feira.

Júlio Jardim, da organização do Festival, explicou à imprensa que o filme de Abílio, devido ao feriado de sexta-feira, não chegou a Brasília. O público perdeu a chance única de ver um longa raro, como **Sal da Frente**, em nome de uma falha organizacional.

O segundo problema do mesmo dia se deu na **Sessão da Crítica** às 10h00, quando passava o longa-metragem **Presença de Marisa**, de John Doo no Cine Park 6. O diretor descabelou-se quando viu alguns fotogramas queimarem. "Isso vai prejudicar meu filme. Vai acontecer um salto nas imagens quando ele for exibido à noite", disse Doo indignado.



EXECUTIVOS EM RELAÇÕES PÚBLICAS E COMUNICAÇÃO, S.C. LTDA.
RUA CLÁUDIO MANUEL 713 FONE (031) 222-4966 (KS)
30000 - BELO HORIZONTE
CONRRP/MG Nº 01
TELEX (031) 1755 REVE BR

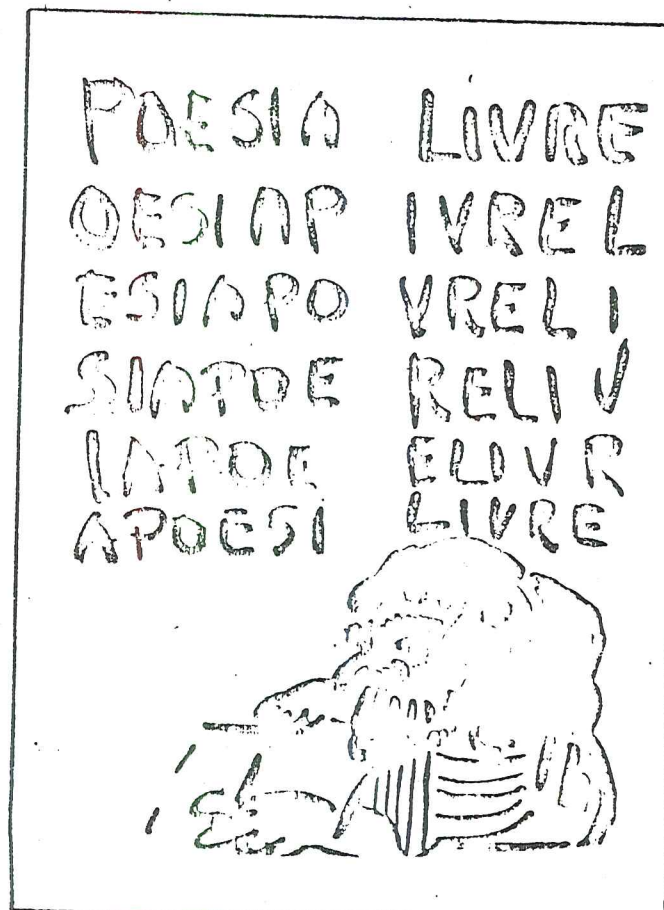
CLIENTE: POESIA LIVRE
VEÍCULO: Estado de Minas
PÁGINA: 6
DATA: 16.10.80
LOCAL: Belo Horizonte

Poesia em saquinho faz festa para o seu sétimo número

Certo dia, um índio Nambiquara que freqüentava a escola resolveu transcrever, em língua de branco, uma velha lenda de sua tribo. O resultado foi um mágico e belo texto, simples e enigmático como as coisas essenciais. Será isso poesia? Certamente que sim, respondem os editores de "Poesia Livre", o saquinho de poemas de Ouro Preto. E incluíram o poema de Jaime Nambiquara entre os de outros 30 poetas publicados em seu número 7, que está sendo lançado nessa sexta-feira, dia 17, com uma festa no salão da Confederação Auxiliadora dos Operários de Minas Gerais.

Uma das intenções de "Poesia Livre" é abrigar essas manifestações marginalizadas da poesia brasileira, abrindo espaço para que as minorias se manifestem em sua própria linguagem, ao lado de poetas eruditos ou malditos.

Os índios, representados pelo poema de Jaime Nambiquara, serão também homenageados na festa de lançamento de "Poesia Livre" com a projeção do audiovisual de Carlos Alenquer, "Terras de Minha Terra", que conta a tragédia da nação Krenak. As mulheres também estão presentes nesse número, manifestando-se numa linguagem mais audaciosa e livre, ao lado de poetas



negros do "underground" e de nomes famosos.

Querendo traçar um perfil da poesia brasileira contemporânea, "Poesia Livre", está resgatando do

esquecimento alguns valores importantes, injustamente esquecidos. É o caso de Manoel de Barros, poeta mato-grossense praticamente desconhecido das novas gerações, que agora podem

tomar contato com seu trabalho através de um poema editado em "Poesia Livre".

Manoel de Barros, aos 64 anos, aparece como uma espécie de "patrono" desse número de "Poesia Livre", que utiliza um verso seu como epígrafe: "Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspê à distância servem para poesia". Declaração de princípio poético plenamente endossada pelos poetas do saquinho.

Para lançar "Poesia Livre" nº 7, já encontrado em algumas bancas e livrarias, foi escolhida a Confederação Auxiliadora dos Operários, uma velha associação trabalhista, nascida em 1905 e que hoje funciona apenas com um caráter recreativo, mas que já foi importante núcleo de lutas operárias na cidade.

A intenção dessa escolha foi a de aproximar a poesia dos valores populares, resgatar a memória de Belo Horizonte e fazer um lançamento literário com mais samba. Além de sambar e beber cerveja gelada, os poetas, as musas e os amigos da poesia em geral poderão ali adquirir o último número do saquinho de poemas.

"Poesia Livre" também pode ser encontrada na Feira de Artesanato da Praça da Liberdade (em frente ao coreto).

Publicamos hoje nesta coluna o primeiro artigo intitulado «Manoel de Barros», de autoria de um nosso confratão, conhecido beletista e que se oculta com as iniciais A. C.:

MANOEL DE BARROS

I

Eu — que já conhecia o Nequinho líder estudantil — fui conhecer o poeta quando entrei para a Academia trazendo o espírito cheio de sonhos wagnerianos que alimentavam uma alma que vagava entre a bondade e a benaventurança de Dom Bosco e os romances de Camilo e Flaubert. A solidão da matéria vinha de dar o golpe de graça a Formosa e Matão de Andrade e Graça Aranha eram apontados como deuses. Eu ainda achava que Bilac e Gonçalves Dias formavam a dupla eterna da poesia brasileira e que fora do autor dos Tibúrcios e do gigante criador de «O caçador de esmeraldas» não poderia haver mais sentimentos nem estados d'alma.

Nequinho pertencia ao grupo dos novos, dos que iam Jorge Amado, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos e Carlos Drummond, enquanto os catarras ficavam pelos cantos das universidades soletando Hugo, Dante e Milton no original.

Não nos adiantava ouvir do poeta da «Face imóvel» que os antigos eram «grandes» mas que tinham sido, de certa forma, superados pelo tempo e pela História. Trazelos sempre conosco seria como se quizessemos continuar vestindo saiotas de malha de aço e duras armaduras nestes tempos modernos.

A Poesia tem que ser uma sugestão... um sonho... uma divagação... uma incerteza... uma interrogação... uma frase qualquer... mas, tudo envolvido de luar, sempre ecoando saudades nos penêdros azuis da fantasia.

Nequinho compreendeu logo esse mundo de idéias que as coisas banais sugerem: Ver o pecador passar, como nuvem... e a mulher deserta entre gerânios curvos. Ver o menino com paletó de crepúsculo. São quadros feitos com pinceladas de mestre que ele vai pintando ao mesmo pelo mar, pelo céu, pelos morros, pelas ruas desertas, onde o poeta, com seus olhos tristes, vai vendo pelos lugares «que inventam poetas que já nasceram tristes, sonhos perdurados como roupa...»

Com que sensibilidade esquisita e infantil, cheirando manga e água de pantanal, ele relembra a nossa Corumbá: «Ah, como é bom a gente ter infância! Como é bom a gente ter nascido numa cidade pequena banhada por um rio.»

Hi uma melancolia virgiliana, repassada de uma doçura simpática, nesses quadros que o poeta vai pintando pelos morros, pelos bôcos, pelo pantanal. O poeta não pára. Está sempre viajando. Como ele diz: «Viajando... Apear á margem dos banhados, beber água dormida nos balceados dos aguapézais...»

Seus quadros são como miniaturas japonesas pintadas em conchas azuis por mandarins caprichosos. Frases feitas com sorrisos bondosos e nostálgicos e cheirando as pitangas dos pantaneais. Cantos de um poeta que «mergulhado em trevas, no quarto, pensa no rouxinol e na bomba atômica».

Mas, o que é mais interessante no poeta, é que ele quer fugir, vagar sempre pelos campos da fantasia, porém, a terra o atrai,

segurando pelas raízes da vida, «e ele vai encontrando restos de orvalhos no rosto da terra, e os bebes...» O poeta é de um panteísmo vazio e sincero. Amadas coisas simples e puras de natureza e se descreve os amores de Pedro, não é pelo sensualismo pagão do mestiço, mas porque «Pedro deitou-se nas pedras bebendo goles de treva, enquanto a terra, fermentada de raízes, rosas pôdres, comia seu abdômem.»

Suas poesias têm a graça nativa de uma garça cismando numa lagôa cercada de carandás. São de um lirismo puro jorrando perene da fonte mais profunda da sensibilidade, onde as frases, como pingos de orvalhos vão-se volatilizando no incenso de ouro e purpuras do acaso corumbaense.

Nas descrições, tem observações subtis, sem palavras banais, cheias de minúcias pitorescas, feitas com adjetivos saborosos... A gente sente qualquer coisa de Corumbá rolando pelos versos de Nequinho... E quando esse poeta das coisas simples e puras ganha o prêmio «Orlando Dantas» de poesia, é natural que a sua terra natal, envaidecida e orgulhosa com o feito de seu vate ilustre lhe mande os parabéns mais sinceros e lhe reeeba com os louros dos novos jogos literários...

JANIO estará em Corumbá dia 27 do corrente.

159

Notícia do Estado de Mato Grosso do Sul

Poeta de Corumbá conquistou o «Prêmio Orlando Dantas»

A imprensa do Rio de Janeiro acaba de dar ampla e entusiástica divulgação à vitória alcançada pelo até agora quase desconhecido poeta corumbaense — Manuel de Barros — que conquistou brilhantemente o «Prêmio Orlando Dantas», conferido a melhor obra de poesia de 1960.

Concorreram ao prêmio 86 candidatos, bastando este número de concorrentes para realçar a notável vitória do vate corumbaense.

Os escritores Adonias Filho, Homero Homem e Lêdo Ivo foram os integrantes da comissão de julgamento. Os julgadores fizeram a sua escolha depois de demorado e pormenorizado exame de todos os originais apresentados. Dêsse exame resultou a seleção de onze trabalhos dentre os quais saíria, afinal, o premiado: — «Compêndio para uso dos pássaros», de Manuel de Barros. Acharam os doutos juizes que o livro era, entre todos, o mais representativo, reunindo poemas inspirados pelo amor à terra natal e acompanhados de enternecedoras lembranças da infância.

O poeta laureado reside em Corumbá, que é a sua terra, morando presentemente na rua Frei Arino nº. 516.

O livro de Manuel de Barros foi assinado pelo pseudônimo de Pedro Bacurau.

E damos aqui o julgamento da Comissão: «A Comissão Julgadora», o ajuizar o Prêmio Orlando Dantas a «Compêndio para uso dos pássaros», de Pedro Bacurau, está certa de, tendo desempenhado plenamente a missão que lhe foi confiada, ter revelado ao cenário poético do Brasil um livro de poemas que, pelas suas ostensivas qualidades, haverá de conferir ao seu autor a projeção que ele merece.

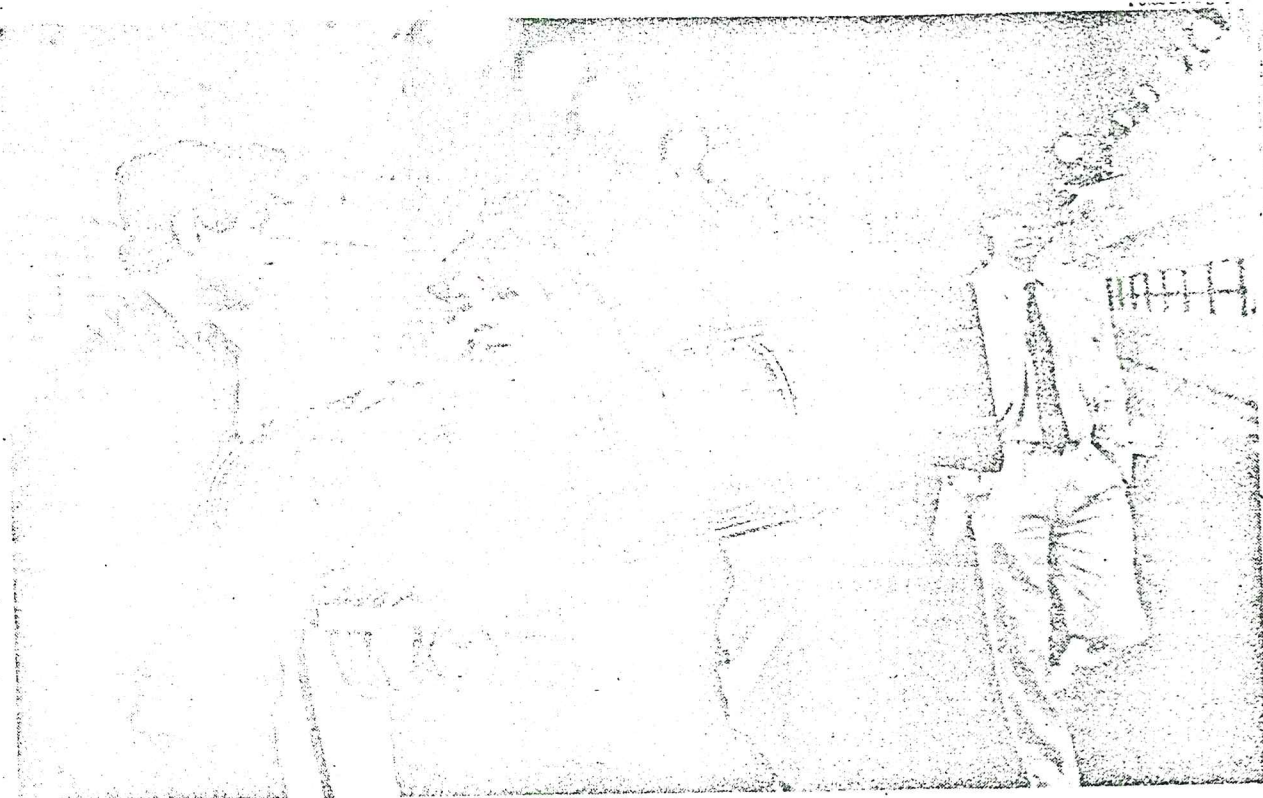
— Nossos parabéns ao poeta corumbaense.

MA
167
BRASILEIRO
UISA

FOLHA DE SÃO PAULO

18 02 89

E-5/ILUSTRADA

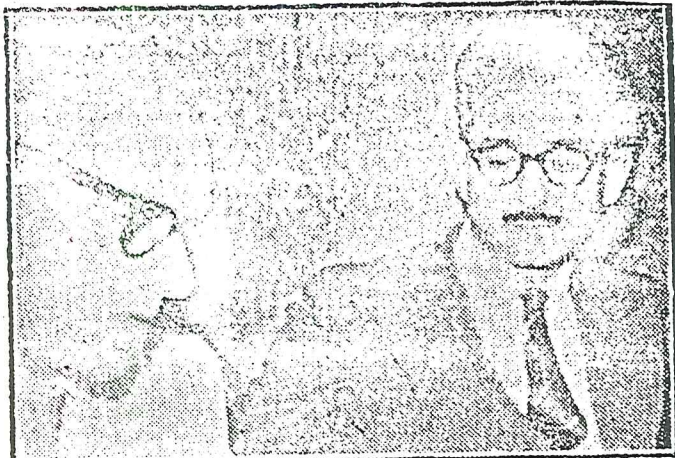


O CURTA "CARAMUJO-FLORES" É EXIBIDO HOJE

O curta-metragem "Caramujo-Flor", dirigido por Joel Pizzini, sobre o poeta matogrossense Manoel de Barros, será exibido hoje, às 16h, no Masp (av. Paulista, 1.578, tel. 251-5344, Cerqueira César, zona central de São Paulo), e amanhã, às

20h30, no Museu da Imagem e do Som (av. Europa, 158, tel. 853-6574, Jardins, zona sul de São Paulo), numa promoção da Letraviva Livraria e Importadora. A entrada é franca nos dois museus. O filme, que tem no elenco o cantor Ney Mato-

grosso (na foto, durante um intervalo de filmagem), refaz o itinerário desse que é considerado um dos maiores poetas da geração de 40, ao lado de Carlos Drummond de Andrade. O papel de Manoel de Barros é dividido com Ney Matogrosso pelo ator Rubens Corrêa.



O poeta Manuel de Barros, detentor do Prêmio Orlando Dantas, com o seu livro «Compêndio para uso dos pássaros», expõe a nosso redator os seus planos para o futuro.

"Prêmio Orlando Dantas é Recompensa Para o Poeta"

MANUEL DE BARROS, o poeta que, com o «Compêndio para uso dos pássaros», obteve o «Prêmio Orlando Dantas», é um jovem fazendeiro mato-grossense, formado em Direito, que recebeu a notícia de sua classificação como «uma recompensa pelos trabalhos surdos do poeta».

Embora nunca tivesse corrido a nenhum concurso de poesias, informou a nossa reportagem que, desde os 15 anos, como interno do Colégio São José, na rua Conde de Bonfim, faz versos. E acrescentou:

— «Ali mesmo os publiquei. Eu era, então, um casimiriano». Com a morte do pai, Manuel de Barros foi obrigado a fixar residência em Corumbá, Estado de Mato Grosso do Sul, e pai de três filhos, cuida de sua fazenda de gado, mas, a uma pergunta sobre se o ambiente da fazenda influenciou em sua inspiração, respondeu: — A fazenda do menino, sim. A do adulto, não. A fazenda do menino é que sustenta o poeta. A de hoje só tem gados. A do menino tinha cheiros de ilhas com passarinhos...

PLANOS
O poeta Manuel de Barros que terá o seu primeiro livro de versos publicado pelo «Diário de Notícias», pretende escrever, agora, um estudo sobre a novela «Cara-de-Bronze», de Guimarães Rosa. E afirma: — «Vou abordar a aproximação concreta que ele faz do mundo vivo e vegetal. Aproximação léxica, sintática, semântica. Mas tive que remendar o meu latim. Entrar pelos romanistas, arcaicos, etc. Cada hora descubro coisas para estudar e não me aventuro a começar o ensaio. Antes de fazê-lo, posso dar outro livro de poemas, quem sabe?»

CONCRETISMO
Falando sobre os autores de sua predileção, o poeta do «Compêndio para uso dos pássaros», afirmou que havia passado dois anos sem poder escrever nada, pois tudo lhe saía à Guimarães Rosa. Disse mesmo que até hoje ainda não se libertou dele inteiramente. A ele deve a coragem para romper com as limitações gramaticais e inventar, também, uma linguagem infantil.

Quando ao concretismo, na poesia, asseverou: — «A desintegração da sintaxe é uma sede comum. Fazer do poema um objeto, uma coisa em si, também. Mas não consigo receber a poesia concreta como ela está. Reconheço o esforço de pesquisa dos rapazes que a fazem, porém estou frio ante o poema. A culpa há de ser minha, com certeza».

PREFERÊNCIAS
Finalmente, resolvemos fazer a última pergunta a Manuel de Barros, sobre quais os seus autores preferidos, em poesia e prosa. A resposta, que bem pode servir de roteiro a jovens poetas e prosadores, foi imediata. Os poetas de língua portuguesa: Fernando Pessoa, Mário Sá-Carneiro, João Cabral, Manuel Bandeira e Raul Bopp. Os prosadores: Machado de Assis, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Cavalcanti Proença e Clarice Lispector.

*Diário de Notícias
Quinta 8/set/60*

FUNDACÃO DO CINEMA BRASILEIRO
F 1167
PESQUISA

JORNAL DA TARDE

18 02 89

E MAIS:

221 Caracol Flor, curta-metragem em homenagem ao poeta do Pantanal Manoel de Barros, será exibido sábado, às 16 horas, no Masp, e domingo no MIS, às 20h30, as duas sessões com entrada livre. A exibição faz parte do lançamento da revista espanhola de cultura El Paseante, que dedicou sua última edição a escritores, fotógrafos e ilustradores brasileiros — incluindo, claro, o poeta Manoel de Barros. Esse curta é dirigido por Joel Pizini, com fotografia de Pedro Farkas e música de Lívio Tragtenberg. Foi premiado três vezes no Festival de Brasília. A promoção é do Masp e Livraria Letra Viva.

171

Para Nélida Piñon, o movimento editorial, no momento, está estagnado e o país vive numa "profunda apatia cultural."

— Nunca o artista foi tão aviltado como agora — afirma — e justamente numa época em que ele adquiriu mais consciência de sua importância no desenvolvimento cultural da sociedade brasileira. A gente produz e põe na gaveta. A nova geração de escritores é uma geração esmagada, porque não tem tempo, fôlego, respiração para produzir sua obra de arte. O escritor é um ser desamparado e marginal, e é preciso ter um estôfo moral excepcional para se dizer que é escritor. Em termos de sociedade brasileira, o que isto significa?

Nélida Piñon diz que se sente "moralmente desconfortada" em saber que a maioria dos companheiros de profissão tem de se dedicar a outra atividade para sobreviver financeiramente. Apesar de não ter esse tipo de problema, o privilégio a incomoda.

— É à minha mãe — diz ela com uma ponta de ironia — que eu devo o meu estilo. É ela quem me financia. Tenho consciência de que de outro modo, estaria esmagada e não conseguiria fazer o que faço: cinco, seis versões de um texto.

Ainda quanto ao problema de o autor nacional necessitar de outra atividade por motivos financeiros, ela explica que faz questão de protestar contra um mecanismo desumano que diminui a capacidade de produção do escritor.

— Já fui convidada várias vezes para trabalhar em editoras, mas rejeito. Essa atividade é esmagadora para o escritor. Não viver de sua produção é uma humilhação impressionante, e no Brasil não há dignidade profissional em relação ao escritor. O que nos sustenta é a obsessão.

UMA SUGESTÃO

Nélida Piñon acredita que a solução para o problema que envolve

escritores e editores está, primeiramente, numa medida governamental que "facilitasse crédito aos editores, lhes impondo um número determinado de publicações nacionais. Além disto, deveria ser obrigatório abrir espaço nos jornais e revistas para publicação de matéria ficcional, ensaística e poética."

Explica que a medida por ela reivindicada é idêntica à adotada pelo Governo em proteção à indústria cinematográfica nacional. Cita ainda o caso dos artistas plásticos — "não estou querendo criticá-los, tenho até muita ligação com eles" — que, "para adquirir nova dimensão cultural, recebem 12 mil dólares de prêmio do Governo para viajar a centros mais avançados."

O INEDITO

Embora tenha conquistado mais de 10 prêmios literários, a partir de 1956, o paraibano André de Figueiredo ainda não conseguiu publicar um único livro. Só agora é que deverá ter uma oportunidade. Juntou todos os contos premiados, colocou o título *O Longo Aprendizado de Isaura*, e se candidatou a um financiamento do Instituto Nacional do Livro.

— Eu nunca paro com um livro na gaveta — diz ele. Sempre me interessei pela publicação. Este mesmo livro que enviei para o INL já andou na mão de alguns editores. Mas só um país subdesenvolvido se dá ao luxo de não publicar um conto premiado em concurso nacional, em que participou do júri Marques Rebelo.

— Se você tem talento, mas não tem capacidade de fazer amigos — continuou ele — não adianta. Vai levar muitos anos sem publicar nada. Os próprios escritores que estão à frente de revista ou outras publicações, nem sempre dão o apoio que deveriam dar aos novos.

Em 1956, quando ganhou seu primeiro prêmio, o júri se pronunciava:

— Autêntico *conteur*, destes que, revelados em concurso, já surgem com os sinais de vocação estampados na linguagem que usa.

E mais tarde, em 1962, Olávio de Faria escrevia no *Correio da Manhã*:

— Embora conheça apenas um conto de André de Figueiredo, posso afirmar que estou diante de um autêntico contista.

UMA OUTRA SAÍDA

Toda essa problemática com a edição de livros no Brasil levou André de Figueiredo a se transformar num bibliotecário do serviço público — "onde me aplico com afinco, porque este é o meu verdadeiro ganha-pão" — com oito horas de trabalho por dia. Confessa que aquilo que deveria ser uma profissão para ele — o ato de escrever — tornou-se um autêntico hobby.

— Eu me consideraria um profissional se susesse às 8 horas de casa para uma sala no Catete, onde tivesse minha máquina e um dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, e trabalhasse até uma da tarde. Depois saía e ia viver. A noite, podia chegar em casa descansado e ler outras obras.

Para ele profissional em literatura "é aquele que paga o gás e o aluguel com o dinheiro de seus livros."

— Mas você veja só. Para escrever a novela que mandei para o concurso de Brasília (ganhou Menção Honrosa), minha mulher tinha de levar as crianças para o parque nos fins de semana. E pintor de domingo, não é?

André de Figueiredo entende que há uma completa desorganização na máquina editorial, e para uma solução adequada era preciso que houvesse "uma inter-relação entre escritores, editores e donos de revistas."

O TÍMIDO

Fazendeiro na cidade de Corumbá, em Mato Grosso, o poeta Manuel de Barros numa pensou em ganhar e nem ganhou dinheiro com literatura. Antes de possuir a fazenda era advogado, "mas advogado frustrado, porque a profissão é

totalmente incompatível com a minha pessoa." Sua natureza tímida nunca lhe permitiu a convivência com os círculos literários do país e o afastou dos problemas vividos diariamente pela classe.

Ele começou financiando uma pequena edição, em 1937, do livro *Poemas Concebidos sem Pecado*. Depois, em 1942, a Editora Seculo XX — "que foi fechada sob a acusação de ser pro-nazista, mas eu não sabia de nada" — publicou outro livro, de poemas, *Face Imovel*. Em 1956 conseguiu editar outro livro, e em 1961, ganhou o Prêmio Orlando Dantas, com *Compêndio para Uso dos Pássaros*. Agora, recebeu o prêmio de poesia do IV Encontro Nacional de Escritores, em Brasília, com o livro *Gramática Expôsitiva do Chão*.

— Com o dinheiro desse prêmio vou financiar uma edição desse livro.

ÚNICA EXCEÇÃO

Rodrigues Marques é sem dúvida o único escritor brasileiro que, depois de receber a comunicação de que tinha sido o vencedor de um concurso literário estadual, viu, surpreso, algum tempo depois, que o prêmio passou a outro concorrente. Isso aconteceu neste ano, mas o Estado ele faz questão de não citar.

Mais um ou menos um, não faz diferença para o escritor maranhense que está no Rio de Janeiro há cerca de 10 anos, e já foi premiado mais de cinco vezes. Tem cinco livros publicados: *Noite sem Limite* (contos, 1954), *Chão do Inferno* (romance, 1957), *Os Quatro Filhos do Papa* (contos, 1959), *Linha do Vento* (novela, 1963) e *Os Recém-Casados ou Amor de Cama e Mesa* (novela, 1965).

— O escritor no Brasil ainda é um marginal — diz ele. — Sempre tive problema com editor, com exceção do último livro. Agora mesmo, o livro com que ganhei o prêmio de ficção no IV Encontro do Escritor, em Brasília, *Itapecurarana*, ainda não tem editor. Dos cinco livros que publiqui, quatro foram editados às minhas custas.

sense, que encara a poesia como «armação de objetos lúdicos com emprego de palavras, imagens, cores e sons».

Em primeiro plano, situar o incompreensível anonimato deste «sábio demiurgo» ou «sujeito inviável» — como se auto-define. Estratégia pessoal ou contingência de isolamento? Buscando o sujeito, a matéria, e refletindo o uso na poesia de Manoel de Barros, o curta documentará os principais interlocutores deste «bruxo encantado» com comportamento de caramujo. Um tratamento que requer sutileza, pois recolhido pelas palavras, Barros nunca falou em público, resiste à entrevistas e detesta multidões. A hostilidade provinciana e a visão do Pantanal como laboratório da natureza sugerem uma síntese surreal à abordagem.

«O Inviável»... quer experimentar/ desintegrar os conceitos de Barros, captar a sua «Estética do Ordinário» e abstrair ainda o diálogo do poeta com a pintura moderna, particularmente aquela realizada por Picasso, Klee e Miró. Filmar o percurso artístico de Manoel de Barros, mais do que irreversível exercício de

falada e da poesia realizada na voz, Manoel de Barros instiga associações de formas extravagantes e inusitadas que levam o leitor/espectador a uma paisagem onírica, íntima região da linguagem-cinema.

Para compor «O Anonimato»... optei — pelas razões já expostas — por uma narrativa (des)estruturada tipo um jogral de «flashes» surreais, pontuada pela música de Erik Satis (autor das «Gymnopédies»). A interpretação cabe perfeitamente ao timbre de Tetê Espíndola e à expressão corporal de Ney Matogrosso».

Além de ser transportada para o cinema, a obra poética de Manoel de Barros tem suscitado por todo o País, a elaboração de pesquisas, teses, livros e revistas, onde se reconhece no autor de «Arranjos para Asso-bio» e «Livro de Pré-Coisas», o maior escritor vivo em atividade no Brasil.

É o caso do escritor paranaense Sérgio Rubens Sosséla, que até o final deste ano concluirá seu livro «Manoel de Barros — O Encantador de Palavras», cuja intenção é fazer um exame crítico da

almente no País. «E um homem do século XX que viveu o mal-estar da civilização moderna e reencontrou sua metade natureza, cuja geografia é bem específica: o Pantanal».

A repercussão do trabalho literário a nível de Centro-Oeste reflete-se com profundidade na análise crítica intitulada «O Tropicalismo Telúrico de Manoel de Barros», de autoria de José Fernandes e publicada em 1983 pela Universidade Federal de Goiás. Na ótica do professor goiano, o «Tropicalismo Telúrico» é a essência da obra de Manoel de Barros, colhida na tradição, principalmente na natureza sulmatogrossense. Entretanto, não se trata unicamente de regionalismo, pois cada elemento sofre uma metamorfose total ao ingressar no poema».

Em Aquidauana, no Centro Universitário da UFMS, os professores Albana Xavier Nogueira (Literatura Brasileira) e Waldomiro A. Vallezi (Língua Portuguesa e Latina) desenvolveram juntos a tese «Ruptura Linguística na Poética Sulmatogrossense», onde, entre outras coisas, apontam para uma identidade que existiria entre Manoel de Barros

ções do Modernismo na sua poética. Manoel de Barros está livre do mal do seriessismo. Jamais fechou a cara deliberadamente, porque sabe abrir o coração». E complementa: «O humorismo, no caso histórico, era necessidade premente da própria poesia brasileira».

Com a manifestação de respeito e admiração dada por grandes nomes do mundo literário como o humorista Millôr Fernandes e o escritor Antônio Houaiss, respectivamente autores da capa e do prefácio do livro «Arranjos para Asso-bio», vieram também citações em entrevistas e artigos escritos por pessoas também conhecidas dentro e fora do Estado como a professora Glorinha Sá Rosa, os escritores Ênio Silveira, João Antônio e Fernando Gabeira, o jornalista Fausto Wolff, o poeta nordestino Francisco Miranda (autor da orelha do livro «Gramática Expositiva do Chão»), além do poeta Chacal e da cantora e atriz Ferdinanda Abreu (ex-Blitz) — todos eles habituais leitores de Barros.

Outro grande momento de repercussão e divulgação de sua poesia foi a inclusão de três dos seus poemas

dez/75), circuito cultural (escolas, faculdades, associações, sindicatos, fundações, museus, mostras, entidades, etc), televisão, vídeo (exibição em instituições, empresas, sindicatos, etc; locadoras; venda para televisões estrangeiras; participação em festivais) e circuito dos festivais de cinema nacionais e internacionais.

Agora sob a presidência de Fernando Ghignone, que saneou a empresa a nível econômico e administrativo, a Embrafilme está se comprometendo a dar um impulso efetivo à realização e valorização dos curtas, sobre os quais (e também sobre os média-metragem) expediu o seguinte parecer:

«O filme curta e média-metragem desempenha importante papel no desenvolvimento da cinematografia brasileira. A Embrafilme, ao apoiar esse gênero de produção, reconhece o papel de vanguarda que esses filmes — realizados a partir de uma política cultural de produção — exercem, alcançando um alto nível de receptividade nas mostras e programações em cineclubes, escolas, universidades, núcleos comunitários e empresas.

165
ge o aniquilamento, reduz-se á
mais despida das formas e á au-
sência absoluta do "fato". Ouvi
o poeta que divaga e pausa em
tudo e em nada:

«... Lembrar que a gente afinal de
contas
Está vivendo muito bem e é uma pes-
soa até feliz. Ficar admirado
Descobrir que não nos falta nada. Dar
um suspiro bom de alívio.
Olhar com ternura a criação e ver-se
pago de tudo...

Descobrir que afinal de contas não pos-
sui nenhuma queixa
E que está sem nenhuma tristeza para
dizer no momento.
Lembrar que não sente fome, que os
olhos estão perfeitos
Para falar a verdade, sentir-se quites
com a vida

Não sei se Manuel é capaz de
contar um episódio, de levar um
fato ou acontecimento para o
verso, mas duvido que o faça sim-
plesmente. Ele, se não é apenas
um instintivo, um emotivo, dos
tais que só escrevem quando do
«momento» da inspiração, e então
largam o bonde, o trabalho ou
conversa e se realizam, também
não é um técnico puro do verso
tão bem representado nesses que,
inulzando-se senhores da forma,
estão sempre armados e engati-
lhados para colocar na armadura
o tema ou assunto que lhes seja
dado. Nem tanto lá, nem tanto
cá. Nem puramente emotivo, «ins-
pirado», nem unicamente técnico,
«construído». Há um equilíbrio ad-
mirável na sua poesia, e essa é a
sua qualidade singular. O mais
construído, o mais "formal" dos
seus versos talvez seja a *Ode vin-
gativa* inspirada em Rimbaud,
e que conclui por esta quadra,
por sinal das mais bem realizadas

crita sem o caráter de elogio;
pois a poesia pouco deu em nos-
so Estado. Na verdade, o nosso
poeta é uma das grandes vozes da
moderna poesia do Brasil. E isto
é um elogio.

um delírio, passei a noite recitando Bandeira'

05-11-90

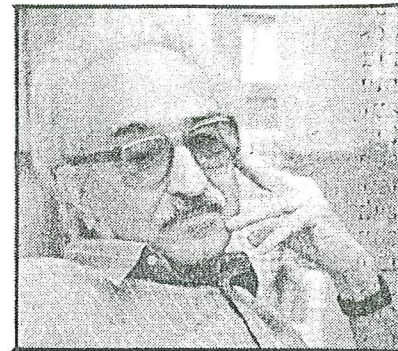
IN — Conheceu o Roberto Campos?
J — É meu parente, é neiro.
N — Roberto Campos é muito inteligente. Mas faz de ser antipático. De maneira é melhor assim, a pessoa que quer ser e não consegue.
J — É verdade, eu dei-lhe um soco há muito tempo.
J — E o Gilberto Amara-

do, não estava em Nova York?
MANOEL — Como era vaidoso. Você dizia bom dia e ele te entregava um soneto e perguntava: "E aí bugre, me diz o que acha?" Fiquei um ano em Nova York. Quando o dinheiro acabou, o Governo me pôs num navio e eu voltei ao Brasil. Fui para o Rio. Mas Nova York é uma cidade que te dá todas as informações. Conheci Braque, Picasso, Matisse. Uma cidade que te satisfaz todas as curiosidades.

MINDLIN — No Rio, com quem você se relacionava?
MANOEL — Nunca tive amigos intelectuais. Por causa desse meu temperamento.
MINDLIN — Não conheceu o Drummond?
MANOEL — Só de vista. Ele trabalhava com o ministro Gustavo Capanema. Precisava de trabalho e o Drummond tava empregando todo mundo. Já estava com vergonha de pedir mesada a meu pai e fui lá. Mas não tive

coragem de levar meus livros. O Drummond tomou nota e disse que iria me chamar. Estou esperando até hoje!
MINDLIN — E o Bandeira?
MANOEL — Cheguei a marcar um encontro com ele mas não fui, não tive coragem. Sabe que eu fui a Recife para conhecer os lugares onde o Bandeira passou a infância? Tive uma alucinação. Nunca decorei um poema, nem meu, mas na primeira noite em Recife, no hotel, tive uma espé-

cie de delírio e me vieram à cabeça todos os poemas do Bandeira. Passei a noite recitando verso por verso. Quando amanheceu, fui para a ponte Buarque de Macedo, à rua da União. Procurei saber alguma coisa sobre Bandeira, mas sabe como é esse negócio de poesia, né? As pessoas ficavam assustadas comigo e perguntavam: Quem é Bandeira? No Rio fiquei amigo do Vinicius. Mas foi por pouco tempo.
MINDLIN — O Vinicius era um sujeito aberto.
MANOEL — Ele editava um suplemento. De Corumbá eu mandei um poema. Pois o Vinicius publicou com uma nota de rodapé com um baita elogio. Quando cheguei ao Rio, um dia estava num **dancing** e vi o Vinicius. Ele já estava meio alto, cercado de mulatas. Eu já tinha tomado umas, me lembrei daquela nota e me encorajei: "Aqui é o Manoel de Barros". Ele se lembrou, me chamou para ficar na mesa com ele. Naqueles **dancings** tinha o sistema do cartão, você dançava com a mulata, no fim ela picotava o cartão. Mas era o maior roubo, você dançava uma música e ela queria picotar duas, três vezes.
MINDLIN — Conheceu Otto Lara Resende?
MANOEL — Só por carta. Mas conheci o Rubem Braga 15 dias antes de ele morrer. Ele era ruim de conversa, um sujeito fechado. Mas lamento não tê-lo conhecido antes. Se ficassemos amigos iríamos ficar "nós dois não conversando".



Manoel: recordações de Nova York

MINDLIN — Eu me lembro do meu pai conversando com o Lasar Segall. Meu pai era apaixonado por pintura, era amigo do Segall, mas ainda não tinha aceitado o modernismo. Mas com ele aprendi: quando você não gosta de uma obra não quer dizer que ela seja ruim. O erro pode estar em você e não no autor.
MINDLIN — Mas como é que você quer o livro?
MANOEL — Publique o livro do jeito que você quiser. Não sou de ficar dando palpites. Aliás, depois que termino de escrever eu sinto um certo nojo.
MINDLIN — Gosto de ver os originais. Consegui um do "Itinerário de Pasárgada". Sabe que tem correções que não foram feitas? Os originais dão uma idéia do processo de criação.
MANOEL — Sabe que eu tenho uns 200 cadernos de anotações. Alguns já destruí.
MINDLIN — Acho que daqui a uns três ou quatro encontros eu vou te pedir alguns...

154

ALGUM POEMA DE
MANOEL DE BARROS

Se no tranco do vento a
lesma treme,
no que sou de parede a mesma
prega;
se no fundo da concha a
lesma freme,
aos refolhos da carne ela se
agrega;
se nas abas da noite a lesma
treva,
no que em mim jaz de escuro
ela se trava;
se no meio da náusea a lesma
gosma,
no que sofro de musgo a cuja
lasma;
se no vinco da folha a lesma
escuma,
nas calçadas do poema a vaca
empluma!

BARROS MUNDANO E A POÉTICA DESPROVIDA
DE PREÇO E OUTRAS PEDRAS
CONCRETAS PANTANOSAS

Fernando Silveira Camargo
Acad. Administração — UFMS

Com o intuito de levar ao máximo a tendência ao despojamento vocabular e à racionalização simbólica da palavra, a vanguarda concretista trouxe-nos (juntamente com Pound, Joyce, Mallarmé) a aproximação mais sutil e encantadora dos devaneios psicóticos das grandes cidades (leia-se principalmente São Paulo). Os tijolos áridos, células vivas do concreto, edificaram um edifício ou monumento ímpar na literatura mundial, produto de uma evolução crítica de formas. Rompendo com os padrões vigentes e com uma postura erudita-iconoclasta, voltou paradoxalmente no tempo para compreender e apreender as rebeldias de monstros sagrados da literatura e transcriar (Haroldo de Campos) com exclusividade obras já esquecidas com o Eclesiastes.

Manoel de Barros (como um adorável desconhecido) trilhou caminhos parecidos em sua poesia (surrealista?) de concretos pantanosos. Longe das loucuras e desvairismos da metrópole, Barros incrustou-se nos meandros de um mundo altamente oposto: o mundo labiríntico secular do pantanal mato-grossense. Talvez baseado no "só o incommunicável comunica" de Augusto de Campos, Manoel de Barros desenvolveu uma linguagem que por si mesma é transformação, cheia de sapos e lagartos, marandovás e formigas, onde o ápice talvez seja a base, onde o jogo é mais intrigante, onde a desconfiança e a sabedoria se aninham. Barros constituiu (in-conscientemente?) um arcabouço concreto de muito cheiro e muita terra.

O fato é que a literatura é livre pelos símbolos e pelas intenções e a incontida forma libertária da poética do autor de "Arranjos para Assobio" poderia ser considerada o triunfo do Satanás numa terra de epicuristas para os mais conservadores. Manoel em suas viagens de sapos e lesmas sempre compreendeu que "o poema é antes de tudo um inutilensílio, hora de iniciar algum, convém se vestir roupa de trapo" e que o poeta não leva fatalmente a lugar algum pois a poesia já é fato e já é transcendência, já é forma e forma revolucionária. O poeta é acima de tudo minhoca pois areja a linguagem (veja Livro de Pré-Coisas) e que o brejo a que estamos relegados talvez seja o "das almas" repleto de pedras no caminho e re-nascimentos.

Toda a obra de Manoel de Barros fala de um panta-

Toda poesia ecológica requer uma geografia que não seja unicamente aquela do papel onde o poema está impresso. Manoel de Barros, 69 anos, o grande nome desse gênero de poesia atualmente no Brasil, é um homem do século XX que viveu o mal-estar da civilização moderna e reencontrou a sua metade natureza, cuja geografia é bem específica: o Pantanal. Ele não só cresceu no Pantanal como o transformou em tema, sendo capaz de evocá-lo mesmo quando aparentemente o assunto é outro. Desta forma, o significado da palavra 'mar', na sua obra, é simbólico e quer dizer Pantanal originário.

Manoel de Barros, como as garças pantaneiras que descreve no "Livro de Pré-Coisas" (1985), é um ser com nostalgia de mar. A sua metade mar fê-lo trocar na mocidade Corumbá pelo Rio de Janeiro. Num poema incluído em Poesias (1956), ele se pergunta: "Por que deixam um menino que é do mato / amar o mar com tanta violência?" . O Pantanal originário é conhecido como Mar de Xaraiés e é dessa metade que o poeta tem nostalgia. O percurso poético de Manoel de Barros descreve o homem em busca de suas metades perdidas: "A gente é rascunho de pássaro/Não acabaram de fazer". Ao buscar o inominável, Manoel de Barros satura o seu texto de "coisas desnobres" como perna de inseto, tripa de lambari, etc, sendo esse o seu estilo. Como se vê, o fato excepcional que é o Pantanal de Manoel de Barros vai buscar onde era menos provável encontrá-lo e, como determina a sua estética do ordinário, contido em insig-nificantes "nódoas de imagens".

Longe do mato, perto do mar, o jovem Manoel de Barros sentiu falta da sua metade corumbaense, no Pantanal sul-mato-grossense. O livro "Poesias" (1956), revela um poeta introspectivo com nostalgia da infância que, mergulhado em doces lembranças, atravessa a populosa avenida urbana. Sobrevém a crise existencialista / cujo bom termo é o sono tranquilo que sucede ao encontro do poeta com o nojo: "Um braço podre saindo das costas...". O livro seguinte, "Compêndio para o Uso dos Pássaros" (1960), é o atestado de que Manoel de Barros recuperou a sua metade criança, com consequências enormes para a sua poesia, já que a sua linguagem tornou-se francamente surrealista e o seu universo exclusivamente / ecológico. Confirma-se na sua lírica a prioridade da imagem como recurso poético caracterizador, levando-o a dialogar a partir / daí, com a pintura moderna, sobretudo aquela de Picasso, Klee e Miró.

O universo da poesia madura de Manoel de Barros, cuja realiza

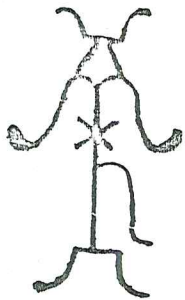
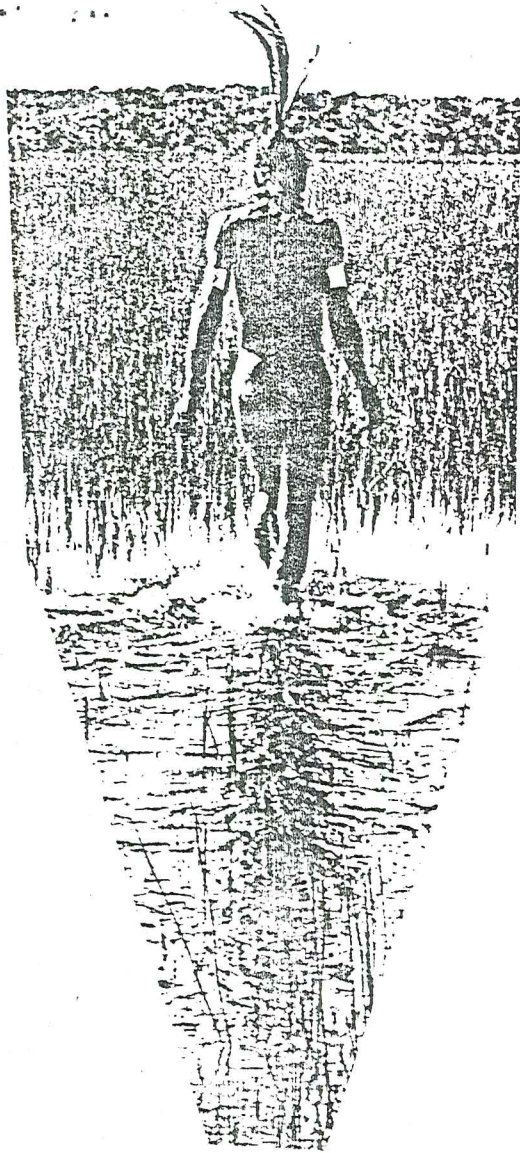
190

ção definitiva são os "Arranjos para Assobio" (1982), é anímico e totêmico. Manoel de Barros exemplifica o animismo característico da mente primitiva. A linguagem inaugural é poética pois o homem primitivo ao nomear o mundo empresta-lhe a própria alma. Finalmente ele pôde celebrar as suas metades reencontradas e descobrir outras: metade pássaro, metade pedra, metade bicho, metade/água, metade andarilho, metade São Francisco de Assis... São tantas metades que para dar conta de todas elas a sua poesia tornou-se necessariamente fragmentária, alcançando um tal grau de depuração, reduzindo-se assim em frases esparças. O estilo dos "Arranjos" é compósito, incluindo até um dicionário, pois a metade metalinguística também faz parte da personalidade ímpar de Manoel de Barros.

Desde o "Compêndio", Manoel de Barros identifica compor com /brincar, donde o caráter lúdico da sua poesia, cuja dimensão surge realista quer dizer que o poeta adulto recobrou o liberalismo /linguístico da criança. A sua prosa - reação do poeta para saciar sua sede de palavras - foi somente publicada em 1985, no "Livro de Pré-Coisas", e se afina com a de Guimarães Rosa (de quem foi amigo pessoal no Rio), sendo ambas as escrituras barrocas e ecológicas. O tema continua surreal. O surrealismo de Manoel de Barros é uma necessidade imperiosa justamente por causa de seu projeto existencial de recompor as metades separadas do homem. Como o peão pantaneiro, ele reúne numa só realidade espiritual, homem bicho e planta, dando expressão à sua metáfora mais típica. O papel exercido pela imaginação na integração do peão pantaneiro no seu meio ambiente é discutido no "Livro de Pré-Coisas".

Manoel de Barros tem conseguido reunir realidades (metades) que os seus contemporâneos, capazes de lidar apenas com formas acabadas e catalogadas, crêem completamente distintas. A esses Manoel de Barros oferece uma pré-forma - 'a palavra em estado de larva' - algo composto e indefinido, que deve ser completado por cada usuário.

JPF e SM



191
É o chamamento do limo, é a recuperação dos rumores subterrâneos tão presentes na poesia de Manoel de Barros. É também o estar dentro da pedra, como ele sempre diz Descer até a gruta é voltar a ser semente.

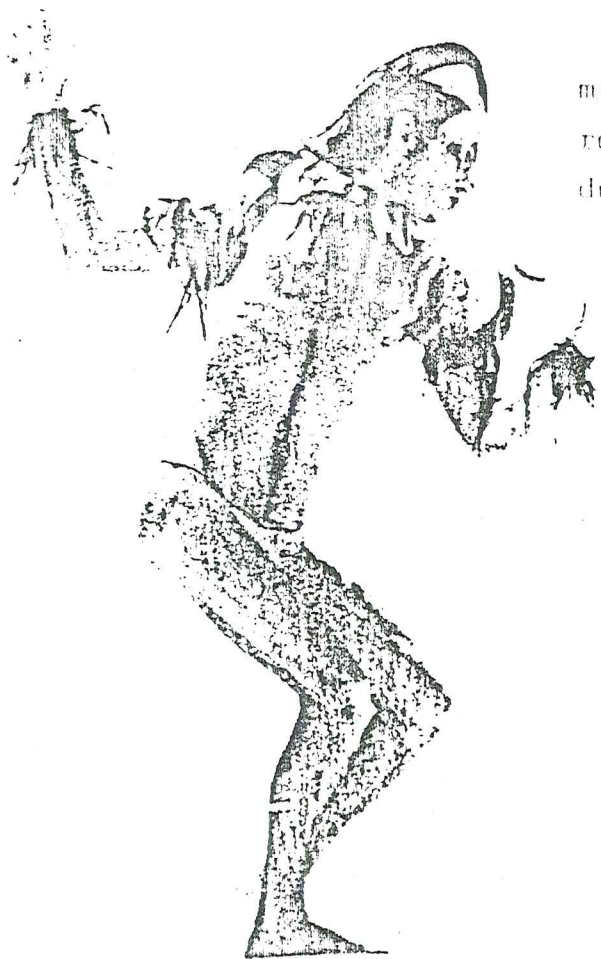
Barros, Tetê e Matogrosso têm uma afinidade lúdica fortíssima. Tetê gravou a / canção da rã e um poema de Lewis Carroll. Manoel de Barros tira grande parte de sua poesia da memória infantil. Ney Mato grosso é todo cheio de brincadeiras e fantasias em cima do palco.

Manoel de Barros inventou a história / do homem ao contrário: fica maduro e volta a ser semente. Ele descobriu a fonte da / juventude: ser semente sempre, isto é, não perder de vista a criança dentro do homem. Tetê e Ney são também crianças, daí terem virado cantores e estarem, ainda, vivendo o mito do retorno à natureza. O corpo vira semente (retorna à pedra, à água, ao musgo) e o consciente recupera o ritmo e o / conteúdo da memória infantil. Daí o por- / que de Tetê Espíndola e Nei Matogrosso / cantarem com o corpo.

'indivíduo que enxerga semente germi-
nar e engole céu' - poeta

Os poemas de Manoel de Barros são con- / tos de fada, pois descrevem o homem viran- / do pássaro, pedra, árvore... Só que sem a es- / tória do príncipe que era sapo e, beijado / pela mulher, foi recuperado e devolvido / 'bonitinho' à ordem estabelecida. Manoel / de Barros pelo que escreveu, é o bruxo, o / feiticeiro que encanta os homens, de uma / forma revolucionária que não tem retorno. Tetê e Ney, quando cantam, transforma-se em seres encantados, mulher com voz de pássaro e homem com voz de pássaro. Surrealismo puro.

ros, que sua garganta emigrou para os pássaros (o poeta escreveu -
-Meus ombros emigraram de mim para os pássaros). Num poema curti-
nho sobre a boca, Manoel de Barros descreve o cantar estranho de
Tetê: 'Brasa verdejante que se usa em música'. A boca de Tetê Es-
píndola (na verdade, sua garganta) é uma brasa: sua voz aguda quei-
ma o ouvido. Mas ela recria, com essa voz especial, o ritmo das /
águas, a voz dos pássaros, seu canto é verde (brasa verde, brasa /
musgo) e tem luz natural. Ney Matogrosso - que nasceu em Bela Vis-
ta (Mato Grosso do Sul) - também é muito pássaro, e sua voz, de
certa forma, é brasa emplumada.

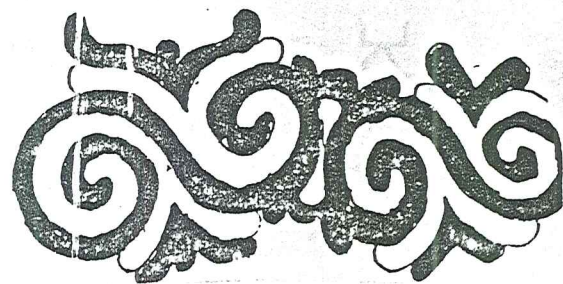


Manoel de Barros des-
creve o homem, geralmente
em estado de Metamorfose
Ney Matogrosso é diversi-
dade, é personagens, ho-
mens mulheres e bichos.

Quando o homem volta/
a ser semente é porque e-
le recuperou a memória /
da infância. Tetê incor-
pora isso, quando grava /
uma canção dentro de uma
gruta - "Fio de Cabelo"-

O arquétipo água (fertilidade) está de -
mais presente em todos eles: Manoel de Bar-
ros, Tetê e Ney Matogrosso. Manoel de Barros
descreveu a lesma assim: 'semente molhada de
caracol que se arrasta sobre as pe-
dras deixando um caminho de gosma /
escrito com o corpo.'

Ney Matogrosso tem demais uma las-
civia verdejante e escreve muito com
o corpo, nas fotos, shows ao vivo e
na televisão. O disco "Pássaros na
Garganta" de Tetê Espíndola, traz na
capa a cantora nua deitada na pedra/
do rio: o lado caracol e lesma do /
ser. Num poema Manoel de Barros diz:
-Me abandonaram sobre as pedras infi-
nitamente nú, e meu canto. Essa rea-
lidade mítica Tetê e Ney reviveram, /
basta para isso se observar as fotos
nos discos gravados por ambos. Tetê
aparece nua, com uma postura relaxada
e espontânea enquanto, Ney Matogros-
so adota uma postura agressivamente
erótica.



IMPRESSÕES SOBRE MANOEL DE BARROS:

"...Custa crer que tanta inventiva, tanta força verbal, tanto colorido brasileiro tenham jazido todo esse tempo no escuro. Tanta luz no escuro ! Um poeta assim permanecer tão desconhecido, / tão secreto, ignorado até mesmo pelos nossos especialistas ? Oh meus patrícios, leiam a poesia de Manoel de Barros. Ainda é tempo de fruir. "A vida de um menino do mato sem importância".

ISMAEL CARDIM

"...Manoel de Barros, figura singular e plural, é um dos maiores poetas brasileiros, embora ainda pouco conhecido pelo públi-co. Bastará lê-lo uma vez para que os leitores se disponham a a-companhá-lo sempre na ventura de despir as palavras e as coisas de suas dimensões lineares, o que lhes revelará os insuspeitos / universos que elas contém !

ÊNIO SILVEIRA

"...Os versos de Manoel de Barros, freqüentes vezes alongados são fotogramas de um Dziga Vertov que reencarnou, com algum es-panto, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Ao dirigir as lentes de sua câmara para as esquinas da vida, rente ao solo, ele am-plia, na afirmativa de Osip Brik, a extensão que ordinariamente/abarca o olho humano a fim de obter o reflexo da realidade".

SERGIO R. SOSSELA

"...O segredo dessa estranha habilidade parece residir numa / relação muito íntima com a palavra, mais ainda, com o objeto de que esta é apenas o invólucro. Muitos escritores estabeleceram, por caminhos diversos, esse contato íntimo, essa relação erótica com a matéria poética. Poucos, entretanto, ousaram esse encontro através de um salto tão profundo nas zonas pantanosas da terra, nos vazios abissais do homem. Manoel de Barros mergulha. Põe a mão no limo úmido da origem e compreende o detrito, o lixo, a rã!"

LÚCIA CASTELO BRANCO

"...Poucos poetas brasileiros levam tão ao seu limite os acessos da poesia com a língua adâmica, como Manoel de Barros. E poucos, como ele, exercem tão bem o ofício de se misturarem com o que está por detrás das coisas. Lendo seus textos, onde alastra/um erotismo único, ficamos com a natureza completamente desnuda, despudorada e prenhe."

PAULINHO ASSUNÇÃO

194

"...Este Manoel de Barros, mistura monumental de construtor subversivo, bandido, anjo e São Francisco de Assis, poeta talvez concebido sem pecado ou com todos eles,...é o maior poeta brasileiro/vivo. Pelo que se vê ao se ler, esse bruxo inveterado aos 68 anos de idade, sabe conversar com os bichos do Pantanal Mato-grossense. Sua alma e seu corpo vivem pregados ao chão de lá e pouco se lhes dá se a comunidade lítero-artística do eixo Rio-SP não descobrem o gosto, o cheiro, a cor, o som de sua poesia. De vez em quando ele aparece, / esquivo, aqui pela cidade grande, como um peixe / grelhado e foge depressinha para o mato, onde continua em seu silêncio que sabe ouvir lesmas e toca o seu finíssimo e continuado trabalho. Ao que chama com humildade humilhante, de inutensílio. A poesia de Manoel de Barros é, de assim, singular e tão redentora e original que até parece comum e é gigantesca e cai sobre a nossa alma como o sol caindo em perpendicular sobre o nosso nariz."



JOÃO ANTONIO

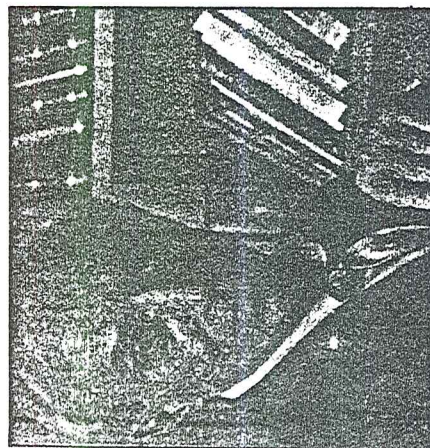
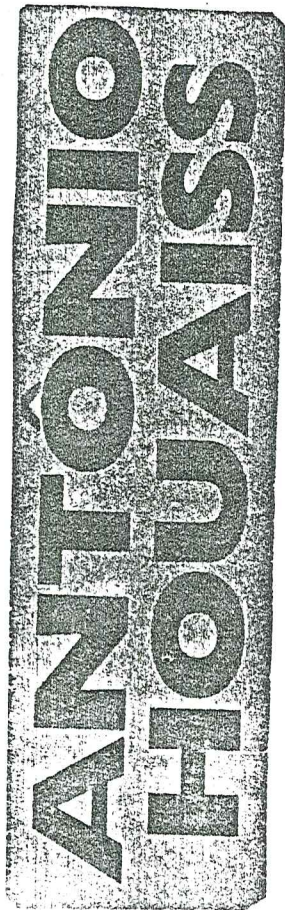


"...Passei o domingo inteiro batendo o papo com este grande poeta chamado Manoel de Barros, lá em Mato / Grosso. Homem de 68 anos, que conhece a língua dos bichos do Pantanal e nada faz para atrapalhar a harmonia do Pré-Homem Sapiens. Como Homem-Ludens vem à cidade rir e volta ao mato para anotar. Sugiro aos capitães Ahab que leiam Manoel de Barros."

FAUSTO WOLFF

196

"...Acompanho a poesia de Manoel de Barros humildemente: recebo a como se em estado de graça, me comprazo com ela e por instantes, graças a ela-me comprazo com o mundo e até comigo mesmo. Acompanho esta poesia-desse sul-matogrossense que por tantos anos viveu no Rio de Janeiro sem jamais dessulmatogrossizar-se - acompanho sua poesia desde há muito. E não conheço poesia que / desconfie tanto de si mesma e poeta que desconfie tanto de si mesmo! (...) Na direção em que se constrói ou se encarna, a poesia de Manoel de Barros tem a sua máxima perfeição na poesia de Manoel / de Barros.



"...Eis que os ismos classificatórios, mesmo combinados, não me satisfazem, no que se referem à poesia de Manoel de Barros: surrealismo, sim, telurismo, sim; ingenuismo, sim; plebeísmo, sim; aristocratism, sim; imagismo, sim; sinestesia, sim; despistismo, sim - um hipersanfranciscanismo tão próprio que permite invocar as florezinhas do santo sem lhes ser tributário." "...É poesia que abre seu lugar próprio em seu próprio território sob sol próprio e sua própria paisagem física e moral e verbal e estética, em que há um humilde (e sábio) demiurgo. Que este se chame Manoel de Barros é um bom acidente; mas que aí haja sua poesia para nós é uma ventura que vale a pena enquanto duramos - usufruir. Salve, poeta! "

197

PERFIL

Manoel de Barros nasceu em Cuiabá, criou-se em Corumbá, formou-se em Direito (nunca exerceu) no RJ tendo fugido de lá à época do Estado Novo e mora hoje em Campo Grande (MS) há mais de 30 anos.



Aos 69 anos, pai de 3 filhos e avô, Manoel de Barros tem 8 livros publicados - um no prelo - em geral edição do autor, pela Livraria São José do Rio. Os livros são: "Poemas Concebidos sem Pecado" (37); "Face Imóvel" (42); "Poesias" (56); "Compêndio para Uso dos Pássaros" (61); "Gramática Expositiva do Chão" (69); "Matéria de Poesia" (74); "Arranjos para Assobio" (83); "Livro de Pré-Coisas" (85) e "Retrato Quase Apagado onde pode se ver perfeitamente o Nada" (no prelo). Em 1960, com "Compêndio..." obteve o prêmio "Orlando Dantas" da Academia Brasileira de Letras.

POEMAS CONCEBIDOS
SEM PECADO

bôca é brasa verdejante
que se usa em música

sou fuga para flauta
e pedra doce
a poesia me desbrava
com águas me alinhavo.



minhocas arejam a terra;
poetas, a linguagem

não tem margens a palavra...

escritores em Brasília prestigiam o debate

Apesar das restrições do escritor Marques Rebêlo ao IV Encontro Nacional do Escritor, em Brasília, devido ao que ele considerou "excessiva cordialidade" durante os debates do Simpósio sobre Literatura Brasileira, as decisões, este ano, foram muito menos tranquilas do que nos encontros anteriores e já se caminha, ao que parece, para acabar com o tabu da unanimidade.

O próprio Marques Rebêlo, muito justamente escolhido para receber o Prêmio Nacional de Literatura, destinado pela Fundação Cultural do Distrito Federal a conjunto de obra, venceu por maioria. A Grande Comissão, que concede esse prêmio — o maior de todos — é constituída pelos membros das três comissões (três em cada uma) de ficção, poesia e ensaio ou crítica literários.

O poeta paulista Domingos Carvalho da Silva, que juntamente com Ciro Pimentel, vozes em Péricles Eugênio da Silva, para obter o Prêmio destinado ao melhor publicado no período

entre um e outro Encontro do Escritor, foi quem levantou a tese de que, este ano, o prêmio para conjunto de obra deveria ser dado a um poeta, já que, ano passado, coube a um prosador: José Geraldo Vieira. Seu candidato era Carlos Drummond de Andrade, voto vencido de Lago Burnett na comissão de poesia, onde entretanto os três membros não encontraram dificuldades para escolher Manuel de Barros, com a sua Gramática Expositiva do Chão, como autor do melhor trabalho inédito inscrito. O critério para a escolha baseou-se em localizar nos livros apresentados o que apresentasse uma contribuição realmente nova à poesia brasileira. Cada membro da Comissão levou uma lista de 15 a 20 nomes e chegou-se à decisão final após reler todos os originais dos que haviam obtido pontos nas três listas.

Na comissão de ensaio ou crítica, integrada por José Geraldo Vieira, Fábio Lucas e Sílvio de Elia, tinha-se como certa a indicação de Adonias Filho, que

publicou recentemente um excelente ensaio sobre O Romance Brasileiro de 30, mas a opção recaiu sobre Osvaldinho Marques, com uma antologia de escritos antigos. Para trabalho inédito, o prêmio foi concedido a um autor conhecido, Leodegário A. de Azevedo Filho.

Fausto Cunha, Leonardo Arroyo e Ernâni Sátiro (que presidiu à reunião da Grande Comissão), não tiveram muito trabalho em aclamar Diná Silveira de Queirós, com Verão dos Infiéis, para o prêmio por obra publicada, enquanto Rodrigues Marques arrebatava o prêmio para trabalhos inéditos, com três novelas (Itapecuruana).

No decorrer do simpósio, notou-se, ainda, este ano, uma certa ausência de planejamento, mas nem por isso deixou de haver polêmica. André Carneiro, Pessoa de Moraes, Lígia Fagundes Teles, Fausto Cunha, Ciro Pimentel, César Leal, sem citar as pessoas não designadas oficialmente como debatedoras, podem ter sido cordiais, mas tiveram que discutir.

O ideal é que, a partir deste ano, a Fundação Cultural do Distrito Federal, responsável pelo Encontro Nacional do Escritor, comece logo a planejar a realização do novo certame tão logo se encerre o precedente. Para tornar mais amplo o Encontro, deveria ser solicitada a colaboração de todos os Governadores de Estado, no sentido de mandarem por sua conta pelo menos dois representantes. A Fundação, sozinha, não poderá arcar com despesas de tal vulto e, já este ano, começou a demonstrar, embora discretamente, que precisa de maiores verbas para continuar prestigiando a cultura. A introdução do *ticket* para pagamento das refeições criou alguns contratempos aos participantes da reunião.

De qualquer forma, pode-se assegurar que o saldo do IV Encontro Nacional do Escritor foi positivo. O ambiente literário de Brasília ainda é um pouco provinciano, mas no plano nacional, de modo amplo, as decisões tiveram boa acolhida.



1) As manifestações literárias do Brasil, no período colonial, subordinam-se, com maior ou menor fidelidade, aos exemplos metropolitanos.

A emancipação política seguiu-se a das letras, empreendida pelo indianismo romântico, embora Gonçalves Dias ainda perseverasse em adotar os cânones lusitanos.

Do naturalismo ao modernismo, passando pelos parnasianos e pelos simbolistas, acentuou-se progressivamente a separação, que permite ao Brasil apresentar, na atualidade, a sua literatura já bastante diferenciada da portuguesa, não obstante a língua comum, aliás, caracterizada por expressivas alterações.

2) D. Casimiro.

3) Sentado, embora me ajeite à leitura em outras posições.

4) As obras que explanam assuntos do Oeste tratam, em geral, de aspectos parciais. Há excelentes contribuições dessa espécie. Para o conjunto, ainda continua merecedora de leitura, apesar das retificações, que exige, a "Viagem ao Redor do Brasil", de J. Severiano da Fonseca.

5) Embora não seja romancista, acredito que a paisagem matogrossense se afeiçoa às obras de ficção. Como provou o Visconde de Taunay, ao compor a sua obra prima, naquele cenário: "Inocência".

6) Liszt.

7) Excluídos os vivos, entre os quais sobressaia o vulto do Marechal Rondon, e dos mortos, Leverger, que nasceu na Bretanha, mas se tornou cuiabano de coração, os maiores matogrossenses, a meu ver, foram Joaquim Martinho, o financista da primeira República, além de professor notável e médico de fama, Pedro Celestino Corrêa da Costa, o maior estadista matogrossense no período republicano, e Almirante João Batista das Neves, que soube cumprir o seu dever até sucumbir.

8) Pela manhã, quando maior é o silêncio.

9) O Congresso Eucarístico Internacional reunido no Rio de Janeiro, e a queda do peronismo na República Argentina.

10) Portinari.

11) Machado de Assis.

1) Acho. Basta que se leia um livro qualquer de Lima Barreto ou Graciliano Ramos ou Lins do Rego, para que se identifique nêles a nossa paisagem física e humana. E mais: o caráter marcante do homem brasileiro, ungido com a tristeza do negro, a preguiça do índio e a safadeza do branco. Criamos uma arte que reflete bem uma terra exuberante dando de mamar um homem triste e miserável.

2) Aquêlê homem da "Voz Subterrânea", de Dostoiévski. Aquêlê sujeito que não podia compreender porque dois e dois são quatro, e não três... Que andava de costas para a vida. Que achava, certamente, mais importante fundar um verso do que uma fábrica...

3) Quando o livro é bom, até de cabeça para baixo; quando não presta, nem recostado em anca de sereia.

4) Nunca li obra especializada sobre o Oeste. Cito porém dois livrinhos. Um é o "Sarobá", do saudoso poeta Lobivar Matos. Sarobá é uma fruta verde, adstringente, brava; mas nossa. Sarobá é um marco. É o primeiro livro de poemas que traz o cheiro de nossa terra, o sentimento de abandono, de solidão e de distância de nosso Oeste. Cito ainda "Com o vaqueiro Mariano", do escritor Guimarães Rosa. Pequena obra prima do estilo, que fixa com grande beleza e simpatia humana, o tipo de nosso vaqueiro de pantanal.

5) Toda paisagem seduz o romancista, se ele é autêntico. Até um pedaço de muro sêco. Ou as 4 paredes de uma cadeia suja. Ou um trecho de primavera em rosto de noiva... De mim, que não sou romancista, só compreendo a paisagem quando ela é "fundo para um torso", como disse o poeta. Os reflexos da paisagem sobre o homem é que importa hoje. Não a sua gratuita descrição ou exaltação. Acho, por exemplo, que seria motivo para um romancista essa pressão que a exuberância primitiva de nossa natureza exerce sobre o homem. A natureza selvagem com seu calor e seus bichos, muitas vezes até embota as qualidades intelectuais do homem, desenvolvendo em troca a sua intuição, a sabedoria do faro que incha os instintos como bulbos túrgidos.

6) Para mim, Chopin. Esse era um sujeito cujas músicas possuíam raízes no seu corpo. E que raízes de ternuras molhadas e de solidão! Sou um homem de ternuras molhadas também, por isso acho indispensável em sua lista essa espécie de anjo de carne, esse Chopin de águas noturnas caindo pelas teclas.

7) Murtyinho, Rondon e Jânio Quadros.

8) Curvado sobre a mesa, com uma enorme preguiça e com uma consciência de frustração dos diabos.

9) Um é o Congresso Eucarístico; outro não sei se é a Conferência de Gumbra, porque não tenho certeza se ela foi para valer mesmo.

10) Paul Klee, porque as coisas para ele tinham asa como os pássaros; e os homens perdiam a boca e os olhos, e ficavam como objetos.

11) Não tenho nenhum favorito. Dá-se o seguinte: quando amanheço ensolarado gosto de ler Valéry; quando estou deprimido, gosto de ler Dostoiévski; quando estou com vergonha da condição humana, leio Claudel para me levantar; quando fico desarvorado, com todos os sentidos em desordem, corro para Gide ou para Rimbaud; se ando muito nas nuvens e quero tomar contato com a realidade brasileira, mergulho em Graciliano Ramos. E assim por diante. Mas há dias em que amanheço burro, burríssimo! Ai sim, sou capaz de gostar até dos livros de Plínio Salgado. Que miséria!!



166

POETAS NOYOS

MANUEL DE BARROS nasceu em 1918, em Corumbá, Mato Grosso. É bacharel em direito. Em 1941 publicou "Face Imóvel", seu primeiro livro de versos. Tem pronto um novo volume de poemas, que deverá ser lançado em 1949. "Marinha n. 2" é o título do poema de Manuel de Barros, que agora publicamos:



Floresço de tarde,
de amor, no cais,
entre navios altos
e velas brancas.

Vejo o pescador
passar, como nuvem...
e a mulher deserta
entre gerâneos curvos.

Vejo a criança
com paletó de crepúsculo
a árvore cor de cinza

perto do muro.
Árvore e criança
dobrados, na chuva.

«FACE IMÓVEL»



MANOEL DE BARROS

Poeta de grande sensibilidade írica, dotado de um espírito humano e originalíssimo, Manoel de Barros acaba de estreiar nas letras nacionais, apresentando ao público o seu belo livro de poemas "Face Imóvel".

Com características regionais e universais, a poesia de "Face Imóvel" além de pura, lembra a nossa terra e está impregnada de um subjetivismo absolutamente normal em nossa época.

Corumbaense de nascimento, Manoel de Barros, com esse livro não só honra a mentalidade da sua terra, como a de todo o Brasil.

Sucesso de Pedro Bacurau

M. L. *Lucia*

Era menino magro, moreno e miúdo. Chutava bola, soltava pandorga, rodava pião, mas tinha sempre aquele ar distraído de quem souha acordado.

Era assim o menino Nequinho. Uma alma de poeta, num corpo de menino magro. Fez-se homem, criou bigodes, deixou a bola, mas guardou a alma que era de poeta. Casou-se com Stella: moça mineira, boa e compreensiva como o são em geral todas as mineiras. Tão compreensiva e tão boa, que nunca deixou faltar incentivo ao fazedor de versos medeato e desconhecido.

Mas eis que após anos de lutas e poesias, o sucesso chegou como um furacão imprevisto para o moço poeta. Usando o pseudônimo Pedro Bacurau, Manuel de Barros obteve o prêmio Orlando Dantas, por unanimidade de votos.

O seu livro de poesias intitulado «Compêndio para uso dos passaros» abriu-lhe finalmente as portas para a fama. É possível que no momen-

to em que escrevo estas linhas, Nequinho já tenha recebido a notícia de sua vitória; recebeu-a por certo, como uma boa piada e um sorriso, porque além de poeta vitorioso e amigo excepcional, Nequinho é também um humorista nato. Seu pai João Werceslau Leite de Barros, se ainda vivesse, sentir-se-ia orgulhoso deste sucesso; mas aí está sua mãe D. Alice de Barros para receber, juntamente com seu filho, os louros da vitória.

Notícias em Foco

Provincia de Ratanga continuará pertencendo à República do Congo. ONU emprestará seu apoio para que seja cumprida a ordem.

o—o

Em missão de paz seguiram ontem para o Congo nove oficiais da FAB, que vão servir sob a bandeira da ONU.

o—o

Em declarações aos líderes sindicais, o vice-presidente João Goulart promete

Considerações sobre: Concerto a céu aberto para solos de aves

de MANOEL DE BARROS

Maria da Glória Sá Rosa

Como quem toca de leve a pele de um recém-nascido ou acaricia o verde coração de uma flor, penetrei com emoção no espaço/tempo da poesia de Manoel de Barros.

Mais uma vez, o poeta surpreende-nos com um título, que além de enfeixar admiravelmente o conteúdo da produção artístico-literária, é um verdadeiro achado linguístico, pela sonoridade resultante do arranjo dos sintagmas.

Temos nas mãos um pequeno/grande livro, em que todas as combinações, todas as transgressões ao nível da fonética, da sintaxe e da morfologia, são possíveis, a fim de que as aves possam usufruir o prazer da sinfonia feita de palavras, que o autor rege com a competência habitual.

Chama-nos atenção a capa de Ricardo Gosi, a partir de sugestiva foto de Siron Franco, na qual um caramujo pousado sobre um alicate (alusão ao alicate cremoso) fita-nos através da frieza de um olho azul de vidro. (sem dúvida pertencente ao avô do enunciador do poema: **Introdução a um caderno de apontamentos**).

Seguro do próprio discurso, dominando com rara maestria o instrumento de expressão, brinca com as palavras em arranjos, que escapam a qualquer tipo de comparação, sendo seu único guia e mentor pelos caminhos da linguagem.

Da primeira à última página, a obra constitui-se uma investigação de nossa passagem por um mundo, em que pessoas cederam às aves e aos insetos o poder de exercer a sensibilidade, a comunicação.

Valendo-se da memória, liga as duas pontas da existência, a infância e a velhice, na tentativa de recriar as sensações perdidas, para através delas descobrir o porquê da existência.

No poema inicial, denominado **"Introdução a um caderno de apontamentos"** conhecemos através da perspectiva de um menino de sete anos a história do avô, que se libertou das amarras do cotidiano, entrelaçado aos galhos de uma árvore, segurando um velho gramofone e "sorrindo de pura liberdade".

Penetramos desse modo no reino do fantástico através da redescoberta da infância, que está presente em toda a obra. No poema XXV ela retorna com o calor das sensações perdidas,

numa viagem ao internato em que "ia conversando passarinhos pela janela do trem", na certeza de que o passado foi bem mais doce que o presente.

A fim de atingir as alegrias que o conhecimento proporciona, o autor despe as palavras, não tem pejo de mostrá-las em sua nudez visceral.

Seguimos com ele pelos caminhos do insólito, nessa sua ligação com a música, herança do avô ancestral, que soletrava Bach, e que lhe ensinou captar o segredo dos perdidos murmúrios.

As palavras fazem-nó sofrer, vibrar de amor e de ódio também. Ele as inventa ("amaranto é a cor do canto do pássaro") atribui-lhes novos significados ("jacaré fere a voz") amplia-lhes o sentido ("a altura do som é azul").

Pelos signos percorre os meandros da tolice humana e conclui que nos pássaros residem as raízes da sabedoria.

No poema XXV revela sua total intimidade com as palavras, quando indaga se a palavra pode chegar à perfeição de se tornar um pássaro, transformando-se assim em palavra - coisa, como queria Sartre.

Como nos livros anteriores, permanece o desprezo pela arrogância dos poderosos e a atração pelo desprezível, pelo traste. Na parte denominada "Caderno de Andarilho" estão algumas das melhores invenções do livro, como os provérbios repletos de sabedoria, na concisão de uma pequena frase. Quem disse, como ele, que "a água lírica dos córregos não se vende em farmácias" que "na beira do entardecer o canto das cigarras enferruja" que "nas cidades o silêncio avilta-se"? Quem construiu metáforas tão originais como "o alumínio dos peixes vislumbra"/ "desceu um tédio de verbena em mim" "o passado obscuro dele é um rio"?

Ninguém como ele analisou a gênese e o desenvolvimento do homem, para depois concluir com profunda ironia sobre a "inutilidade das tarefas muitas a que as pessoas se dão".

Para proceder com tanta lucidez, libertou-se dos artifícios que obscurecem a visão. Despiu o olhar das complicações do progresso, da tecnologia, e impregnou-se da inocência de menino.

Colocando-se no escuro para enxergar melhor, compôs deliciosa sinfonia que transporta ao interior da vida, nessa nossa descoberta das palavras que, segundo, ele é o mesmo que "descobrir novos lados do ser".

Impossível exprimir o prazer da convivência com um livro que preenche nosso vazio de beleza, que nos coloca diante da verdade, que é absoluto em sua reconstrução dos seres e das coisas.

Tem razão o poeta Reynaldo Jardim:
"Precisamos decorar Manoel de Barros".



Matogrosso promove curta sobre poeta

O cantor Ney Matogrosso será a grande atração do Festival, esta noite. Afinal, ele está em Brasília para assistir à pré-estreia nacional do curta-metragem Caramujo Flor, do mato-grossense Joel Pizzini, que tem o universo poético de Manuel de Barros como tema. O filme é um dos concorrentes ao Troféu Candango de melhor curta-metragem.

Ney, que foi ator de Ana Carolina no filme Sonho de Valsa, está fascinado pelo cinema. Tão fascinado que deixou seus compromissos no Rio para prestigiar seu segundo trabalho cinematográfico. E avisa que está guardando energias para interpretar Mário Reis numa longa-metragem de Júlio Bressane.

Caramujo Flor, o filme que traz Ney ao Festival, é resultado de um mutirão de paixões mato-grossenses. Joel Pizzini, o autor, é jornalista e leitor apaixonado da obra do também mato-grossense Manuel de Barros.

Para homenagear Manuel de Barros, que continua anônimo em Campo Grande, indiferente à mídia que cria deuses e monstros sagrados da noite para o dia, Joel e Ney contaram ainda com a parceria de Tetê Espíndola e Rubens Correia, cantriz e ator, ambos mato-grossenses.

Todos se empenharam em fazer um filme que é, na realidade,

MILA PETRILLO



Ney Matogrosso: fascinado

de, um ensaio poético, e não uma reportagem sobre o poeta. Portanto, avisa o diretor, que ninguém espere uma cinebiografia do tipo "Manuel de Barros nasceu em Culabá, no dia 19 de novembro de 1916, passou sua infância no Pantanal..."

Ney Matogrosso explica que o filme, para ele, "é uma surpresa absoluta", pois não recebeu uma linha de atuação, um personagem preconcebido pelo diretor, nenhuma imposição.

— Em Caramujo Flor eu sou o corpo poético de Manuel de Barros. Sou o corpo dele, mas não sou ele. Com esta única orienta-

ção do Joel, realizei meu trabalho, marcando-o com a paixão de quem é fascinado por sua poesia. As vezes, ficava inseguro e reclamava: "Joel, você não me dirige". Ele retrucava: "O importante é você se integrar à sombra, ao úmido, à natureza, ao universo cósmico de Manuel de Barros". E era o que eu fazia, sem nenhuma dificuldade, pois tenho uma ligação muito forte com a terra.

Ney Matogrosso conta, porém, que Pizzini lhe pediu coisas estranhas, que ele, porém, fez sem pestanejar: "Num determinado momento, tive que conviver com uma lesma passeando pelos meus lábios".

Se houve este estranho e difícil momento, houve outros inesquecíveis para Ney: "No Pantanal há salinas. Numa das sequências do filme, lembramos a nostalgia de mar de Manuel de Barros, deitando nas águas de uma lagoa imensa, de água verde, uma verdadeira salina. Foi uma sensação maravilhosa. Aliás, foi maravilhoso fazer este filme".

Tetê Espíndola e Rubens Correia foram com Ney Matogrosso o trio de intérpretes. A cada um coube representar dimensões do poeta Manuel de Barros. Se Ney é seu corpo poético, mais lúdico, Tetê é sua dimensão sonora. Já Rubens representa a dimensão dramática, expressionista, mais pensante, na difícil definição de Pizzini.

Confusão foi a marca registrada do festival

ALEXANDRE RIBONDI

Se os moradores da capital da República se lembram de que está acontecendo neste dias, de sol forte e chuva tropical, o 21º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, é bom também saber que a noite de hoje está reservada para um momento igualmente importante dentro das festividades: o encerramento da mostra competitiva, com Presença de Marisa, de John Doo. No entanto, este festival chega ao fim sem dizer exatamente a que veio e para que usou verbas, desgastes pessoais e bate-bocas. O diretor da Fundação Cultural do Distrito Federal, maestro Marios Nobre, responsável direto pelo evento, já havia dito que "este ano não será nem melhor, nem pior. Será diferente".

E foi, não resta dúvida. A mostra de filmes da produção nacional saiu do Plano Piloto e foi para o conjunto comercial ParkShopping. Além desta diferença, houve outras relações ao passado de equívocos, desinteresses e ânimos pesados. Um exemplo irrefutável desta situação é o que acontecia ontem na cobertura do Hotel Saint Paul. Enquanto um debatedor tentava explicar sua obra para uma miúda plateia de quatro pessoas, o resto dos participantes do Festival espreguejava-se na piscina.

Mas o que estava acontecendo todo o mundo sabia: tentava-se salvar o Festival de Brasília, que, este ano, foi marcado por falta de bons títulos, falta de estrelas e de festa propriamente dita. O ator Joel Barcelos, uma das raras celebridades do festival, tentou ponderar: "A ideia de levar a mostra para o ParkShopping é muito boa, mas saiu

frustrada. O tiro saiu pela culatra e isto acontece". E ainda teve tempo para concluir: "Todo o mundo tem um festival na cabeça e são todos diferentes".

O diretor Hilton Kauffmann, de Dinheiro Invisível, é curto e grosso em sua análise: "Um festival muito ruim". E diz mais: "Sem participação dos donos das salas de exibição, dos distribuidores e dos representantes das multinacionais que lançam filmes no Brasil não existe festival. Só há participação política, como os pesquisadores, os cineclubistas. Não há participação econômica".

Isto significa que se a mostra de cinema de Brasília pretende, em essência, divulgar as obras e viabilizar o mercado, ele próprio não faz nada por isto. O raciocínio de Kauffmann é correto: "Se nos nossos festivais não convidamos os distribuidores, por que eles vão nos convidar para suas salas de projeção?" E encerra o assunto com um tiro: "O que fazemos é propor a extinção do cinema".

Podemos ainda ir com calma, de qualquer jeito. Há quem queira evitar esta tragédia que prevê o cineasta. E o caso, por exemplo, de Valquíria Barbosa, diretora do Rio Cine Festival, que participará, hoje, do Fórum dos Festivais, em Brasília, justamente para estabelecer o calendário das festas espalhadas pelo País e algumas normas. Ela já comunica: "Que deixe de ser um festival pelo festival. Estes encontros só existem se tiverem o propósito de atender às necessidades do cinema nacional". E estas necessidades podem ser examinadas a partir de um tripe bem nítido e simples, o público, o congregamento dos cineastas e o lançamento das obras.

Definitivamente, este tripe capengou em Brasília. O público não foi. Os cineastas não se reuniram e os filmes não receberam impulsos para sua carreira.

MAIS HUMILDADE

Joatan Vilela Berbel, que trouxe dois filmes para a mostra, Os Donos da Terra e Café Society, também aplaude o ParkShopping como sede do Festival, mas acredita que serão necessários cinco anos, no mínimo, para que a ideia vingue. E aproveita a oportunidade para falar: "Espero que a direção do Festival de Brasília tenha a humildade de reconhecer que, ao desprezar a experiência dos outros, corria o risco de ver tudo dar errado. Agora está pagando por isto".

E por que Joatan Vilela Berbel fala de desprezo de experiência e pagamento de responsabilidades? Quando o cineasta Arthur Omar, que veio com o Inspetor, quis entrar na cabine de projeção do Cine Park para melhorar a exibição de sua obra (um zelo muito corriqueiro em festivais), foi sumariamente barrado pelo serviço de segurança. O incidente ainda é comentado no hotel e provocou desagrado.

Portanto, o saldo é lamentável: incompetência, desorganização, fracasso e desinteresse. Se tivéssemos Festival, apesar de todas as desavenças que antecederam sua estréia, é verdade também que mais nada aconteceu. Esta 21ª edição da tradição candonga está tão diferente que ninguém a reconhece. E amanhã, quando os prêmios forem anunciados, a sala estará possivelmente vazia.

Literatura

Manoel de Barros: uma experiência com a palavra

Em seu último livro Retrato do artista quando coisa (Rio de Janeiro: Record, 1998), Manoel de Barros teima em trabalhar imagens que deixam o leitor perplexo. Se faz verbo para experienciar a vida, ou a essência dela. Amadurece as palavras para depois apanhá-las, fazendo-as irromper em outros nascimentos. O fruto e a semente como no ciclo natural da vida que brota da terra. Não há o homem como interventor desse processo, mas como parte dele. Se coisifica, incorporando-se à própria matéria da poesia.

Indagar-se do que é feito o poema manoelino, tem sido uma busca constante. Algumas vezes nos parece transparente, outras encoberto por imagens que re-mexem com a nossa memória do dizer.

Descobrimos o poeta nos poemas e entramos no jogo criativo que 'descongela o nosso cérebro, atíça nossa visão, nos redimensiona'. Enfim, nos leva para algum lugar, algum tempo.

Das palavras brota a vida, a seiva, o sentido dela porque "bom é corromper o silêncio das palavras". Sabemos que nos colocaremos em situação de desassossego. A busca do poeta passa a ser também a nossa.

Com Manoel de Barros não há como não se incomodar, não ouvir o rumor que funda sentidos onde outros já se colocam. Tudo ao mesmo tempo, numa profusão que oscila entre o inefável, o sensível e o clamor do chão. Entre o criador e a criatura se estabelece o poder da criação: 'experimento o gozo de Deus'. O homem, então, se orgulha da própria imagem.

Dessa experiência brota o retrato do poeta, como ele se configura e como se apresenta nos versos entrecortados, fragmentos de homem e de vida, recompostos pelo jogo verbal, 'incorporado pelas formas, pelos cheiros, pelo som, pelas cores'. São lascas, pedaços do mesmo, que se perdem entre trapos e tropos, (re)criando-se no olhar para o menor ser: 'o que é chutado como uma barata - cresce de importância para meu olho'.

Será por que o poeta foi criado no mato que aprendeu a gostar das coisas do chão? Olhando para baixo?

O leitor se indaga porque o poeta, propositalmente, abre as suas próprias comportas no exercício de se retratar pela palavra, pelo 'desnome' das coisas. Não nomear é fazer poesia. A poesia existe no ser e no 'corpo fônico das palavras'. Há silêncio e ruído. Dupla possibilidade onde a linguagem se instala para fazer acontecimentos. Aí reside a essência da criação e das criaturas manoelinas. Ele acredita que 'só quem está em estado de palavra pode enxergar as coisas sem feitiço'. O homem se faz verbo. E não é o tudo?

A palavra é, portanto, o encontro com o que se pode (não) dizer, com o que se pode (não) ser. O 'eu' errante que busca o sentido do existir no mundo.

'Quando o mundo abandonar o meu olho.

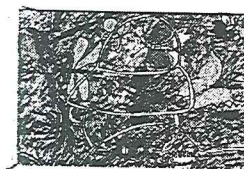
Quando o meu olho furado de belezas for

Esquecido pelo mundo.

Que hei de fazer?

Só as palavras continuarão com os seus deslimites...

Manoel de Barros



RETRATO DO
ARTISTA
QUANDO COISA



Olga Maria Castrillon

Professora de Literatura. UNEMAT- CáceresMT

Resenha

Pantanal: O Conto e o Homem

Olga Castrillon*

Falei, ultimamente, nas "ignorças" do poeta Manoel de Barros. Hoje me encontro com um parente seu, Abílio Leite de Barros e sua recente obra *Gente Pantaneira* (crônicas de sua história), Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1998, sucesso de venda nas livrarias de São Paulo.

É o poeta quem apresenta o cronista como escritor da sociologia do homem pantaneiro. Ambos são criadores de boi no pantanal e possuem o mesmo frescor literário afeito àqueles que não só vivem em contato com a natureza, mas sentem o pulsar da vida em cada ser, em cada objeto desse complexo natural.

O poeta re-inventa o pantanal no jogo de palavras que faz despontar o esplendor das manhãs e o ensandecer das tardes "competentes para dalias". O narrador re-cria o ambiente e a "gente nossa" que formou o pantanal, mais especificamente, as terras da Nhecolândia, na parte sul do antigo Mato Grosso.

A leitura de um reporta a do outro até os deslimes do gênero. Um processo interdiscursivo permeado pela memória e pela história de leitura do leitor, num momento em que falar de Mato Grosso significa falar do pantanal.

Como disse o poeta vanguardista Wladimir Dias-Pino, signatário do manifesto da Poesia Concreta, o pantanal deu a conhecer Manoel de Barros. Quando se re-descobrirem a Amazônia, será a vez de Silva Freire, introdutor do movimento modernista no Estado. A literatura se deixa afetar pelos modismos. Contemporaneamente, esse fato tem se mostrado positivo para os escritores regionais.



Fausto Furlan

Aparece no mercado editorial um Brasil ainda desconhecido em suas manifestações culturais mais autênticas.

Assim, Abílio Leite de Barros, dá nascimento a um livro de história e histórias. Constrói o perfil humano da "única espécie em extinção neste santuário ecológico" - o pantaneiro, cuja figura emblemática se mistura à natureza selvagem, constituindo o nó central da narrativa. Seus costumes, suas origens, seus anseios, sua vida e sua lida, povoando o pantanal da "gente papabanana" da Nhecolândia, vista como símbolo da classe mercantil e ascensão da economia pantaneira, de "pantaneiros doutores" e do poderio político e econômico da região.

Descendente desse povo pioneiro de Cuiabá, Cáceres, Livramento, Poconé e Corumbá, cidades ligadas pelas mesmas raízes históricas o autor nos oferece uma visão que vai além do telúrico. Constrói a genealogia dos primeiros mato-grossenses, que vão formar terras de exclusiva atividade pecuária.

Compondo uma das mais vastas regiões do planeta, histo-

ricamente o pantanal preservou-se à ocupação bandeirante pela agressividade do seu meio, apesar de suas imediações terem sido percorridas pelos descobridores espanhóis. Pela sua vastidão e presença de várias tribos indígenas, foi denominada na cartografia da época como "lagoa dos Xarayés". Entretanto, é designação portuguesa, conforme resultado das pesquisas da professora Dra. Fátima Costa, da Universidade Federal de Mato Grosso, divulgadas na conferência "A invenção do Pantanal", em 21/6/99, no Departamento de história da UNEMAT. Surge, portanto, como atestação dos limites lusos no século XVIII. Rolim de Moura, primeiro capitão-general da Província de Mato Grosso, ratificou a existência do imbricamento dos rios na embocadura do rio Taquari, que formam o complexo do pantanal.

Um componente geográfico que povoa o imaginário do homem há séculos. Ontem, para se consolidar as posses das terras conquistadas pelos ibéricos. Hoje, para significar alegoria fantástica de lugar "sagrado", como se ao homem pudesse ser

reservado um canto do mundo para refúgio. Contraditoriamente, não se está violando o santuário?...

Nessa perspectiva, "Gente Pantaneira" traz reflexões fundantes que mudam a posição do leitor à medida que o coloca entre o real que se perde e a realidade que se vivencia. A memória incursiona com o vaqueiro, a "doma" dos cavalos, a fazenda do laço (o seu uso é um "dão"), o lendário, o misterioso, a personalidade fechada do homem de "atitude silenciosa e ruminante", e a invasão dos pesquisadores e da mídia, veiculando falsas idéias da terra e da gente do pantanal.

Num misto de "causos" pitorescos, genealogias e fatos históricos comprovados em farta bibliografia (arquivos, testemunhos, inventários de família e livros pessoais), tem-se uma leitura singular, que nos leva a entender a mais pura sensibilidade do ser humano. Encontramos, em cada palavra, em cada história contada. O que nos faz acreditar no fato de que quem narra tece a vida. Metáfora que reporta às personagens literárias como Penélope ("Odisséia") ou Sherazade ("As mil e uma noites"), que teciam e contavam para preservar a vida.

O narrador se relaciona com o leitor por esse poder de narrar uma história que é a sua própria história. O retorno às raízes, necessidade vital da busca da seiva que alimenta a vida.

Olga Maria Castrillon é professora de Literatura Integrante do Núcleo de Estudos Literários - NEL/UNEMAT